atos
do Conselho Geral da Sociedade Salesiana de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

Nº 411
ano XCII
setembro-dezembro
2011

1. CARTA DO REITOR-MOR — A inculturação do carisma salesiano 5

2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES — Orientações para delegar a animação inspetorial da Comunicação Social a um leigo ou uma leiga
P. Filiberto González Plasencia 58

3. DISPOSIÇÕES E NORMAS — (Faltam neste número)

4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL
4.1 Crônica do Reitor-Mor 65
4.2 Crônica do Conselho Geral 74
4.3 Crônica dos Conselheiros Gerais 79

5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS
5.1 A nossa entrega a Maria. Intervenção do Reitor no VI Congresso Internacional de Maria Auxiliadora 102
5.2 Publicações pelos 150 anos da Unidade da Itália. 111
5.3 Novos Inspetores 111
5.4 Irmãos falecidos (2º elenco de 2011) 114

A INCULTURAÇÃO DO CARISMA SALESIANO

“Assim, livre em relação a todos, eu me tornei escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível” (1Cor 9,19)

1. “Lei de toda evangelização”. 2. Mudança de paradigmas culturais. A globalização. - O diálogo inter-religioso. - A situação juvenil. - Um continente a fermentar: o digital. 3. A igreja primitiva, modelo e norma de evangelização inculturada. Uma missão bem-sucedida porque bem inculturada. - Unidade na fé, diversidade na vivência. - Lembrar-se dos pobres. - Uma convivência problemática como resultado. - O fato e o princípio. 4. Contemplando Dom Bosco. Um gesto muito acertado. - Algumas lembranças especiais - «Nós queremos almas, e não outra coisa». - «Lembra-te de que Deus quer os nossos esforços pelas crianças pobres e abandonadas». - «Iniciada uma missão, o esforço seja sempre para criar e estabelecer escolas». - «Deus chamou a pobre congregação salesiana para promover as vocações eclesiásticas entre a juventude pobre». - «Todos, todos vós, podeis ser verdadeiros operários evangélicos». - «Fazei que o mundo conheça que sois pobres». - «Com a doçura de São Francisco de Sales os salesianos atrairão a Jesus Cristo as populações da América». - «Recomendai constantemente a devoção a Maria Auxiliadora e a Jesus Sacramentado». Conclusão.

16 de agosto de 2011

Aniversário do nascimento de Dom Bosco

Caríssimos irmãos, escrevo-lhes no dia em que dou início ao triênio de preparação ao bicentenário do nascimento de Dom Bosco.

Felicitemo-nos reciprocamente por sermos uma encarnação fiel do nosso amado Pai para, como ele, sermos sinais do amor de Deus, especialmente para os jovens.

Quis adotar como ponto de partida para esta circular o belíssimo e significativo texto da Primeira Carta aos Coríntios em que São Paulo, renunciando ao direito derivado da sua liberdade, declara que se fez escravo de todos, voluntariamente, para levar à fé de Cristo o maior número possível de pessoas. Fez-se "judeu com os judeus", homem sem a lei mosaica com aqueles não estão submetidos à lei mosaica, fez-se "fraco com os fracos"; numa palavra, fez-se "tudo para todos". E conclui assim: "por causa do Evangelho eu faço tudo, para dele me tornar participante com eles" (cf. 1Cor 9,19-23).

Encontramos aqui o modelo do missionário: aquele que se identifica, de maneira total, com cada um de seus destinatários, com a única finalidade de ganhar o maior número possível deles para o seu Senhor!

Caros irmãos, em minha última carta, eu os convidei "a viver em todas as partes do mundo com autêntico espírito missionário"; por isso, oferecia-lhes uma "reflexão sobre a missionariedade da Igreja e da Congregação e, em particular, da evangelização como horizonte da atividade ordinária da Igreja", e também da Congregação.

Hoje, quero refletir com vocês sobre um tema que, em relação estreitíssima com outros temas tratados anteriormente, desenvolve um aspecto extremamente importante para garantir autenticidade e eficácia à nossa missão na Igreja. Pretendo falar-lhes da inculturação do carisma salesiano; trata-se de uma tarefa cuja extrema urgência eu percebo na medida em que vou conhecendo melhor a realidade de toda a Congregação.

O carisma salesiano, "princípio de unidade da Congregação", está, e continuará assim, "na origem das maneiras diversas de viver a única vocação salesiana" (Const. 100), se conseguir-

mos implantá-lo, com fidelidade e criatividade ao mesmo tempo, aonde fomos enviados e aonde trabalhamos. Podemos dizer que "implantar o carisma" nas diversas culturas é uma responsabilidade mais do que centenária da nossa Congregação, desde as primeiras missões iniciadas por Dom Bosco na Argentina; e podemos reconhecer que não escassearam frutos consoladores. Todavia, deve-se admitir que o desafio atual é muito mais trabalhoso, encontrando-nos presentes em todos os continentes e em contato com as mais diversas culturas. Estamos convencidos de que, para permanecermos fiéis a Deus que nos envia e aos jovens que são os nossos destinatários privilegiados, devemos viver a identidade salesiana com generosidade; isso, todavia, não significa que se deva atuá-la da mesma maneira em todos os lugares. A missão salesiana será significativa e eficaz, e, por isso, terá futuro, se conseguir apresentar-se ao mesmo tempo fiel a si mesma, e também como "na própria casa" no âmbito cultural em que se desenvolve, ou seja, se Dom Bosco, graças aos seus filhos, souber assumir a fisionomia própria das culturas que o acolhem.

1. "Lei de toda evangelização"

"A vocação salesiana situa-nos no coração da Igreja e nos põe inteiramente a serviço da sua missão" (Const. 6). São ainda as Constituições a reconhecerem que "a missão dá a toda a nossa existência o seu tom concreto" e "especifica a tarefa que temos na Igreja" (Const. 3). Isso significa que a missão faz parte da nossa identidade carismática, de modo que a falência da missão comportaria a falência do carisma. Uma missão não adequadamente inculturada é, sem dúvida, uma missão falida: "o anúncio 'inculturado' [*accomodata praedicatio*] da palavra revelada deve continuar a ser a lei de toda evangelização".[1]

[1] GS 44.

A missão não nasce da Igreja, mas do Senhor Ressuscitado (cf. Mt 28,19; At 1,8), que a confiou às suas testemunhas (cf. Lc 24,46-48) garantindo-lhes a presença e a assistência do seu Espírito (cf. Jo 20,22-23). De resto, a própria missão de Cristo não tem origem n'Ele, mas no Pai que "tanto amou o mundo" (Jo 3,16) e enviou "seu Filho, nascido de mulher, nascido sujeito à lei, para resgatar os que eram sujeitos à lei, e todos recebermos a dignidade de filhos" (Gl 4,4-5).

A missão surgiu, portanto, da intimidade de Deus, que gerou o Filho e o enviou para encarnar-se na história e, revelando assim o seu amor, levar a termo a obra de salvação. De Deus Pai procede também o Paráclito, que Jesus enviou à sua Igreja (Jo 15,26); ela, como já acontecera para Jesus (Lc 4,18-19), iniciou a sua missão quando recebeu e acolheu o dom do Espírito (At 2,1-33). Como para a Igreja, assim também acontece para a Congregação: missão não é, primariamente, o quanto de algum modo se faz em favor de outros; missão é Deus fazer-se presente na pessoa dos seus enviados: o Filho, o Espírito, a comunidade. Dessa forma, a missão se despoja do peso excessivo da responsabilidade dos resultados para ser proclamação eficaz e visível do amor de Deus como transparece primeiramente no ser e, depois, no agir dos seus enviados.

A Igreja só tem sentido como sinal e instrumento de comunicação do amor "missionário" do Deus Trino; de fato, "todas as atividades da Igreja são impregnadas do amor" divino, que é "a fonte da missão da Igreja".[2] E a esta missão somos associados, por vocação, sendo "na Igreja sinais e portadores do amor de Deus aos jovens, especialmente aos mais pobres" (Const. 2).

Quando, portanto, "chegou a plenitude do tempo" e Deus quis resgatar aqueles que estavam sujeitos à lei e fazê-los seus

---

[2] Cf. BENTO XVI, Discurso aos participantes da X Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso. Roma, 7/6/2008.

filhos adotivos, "enviou o seu Filho" entre nós: a Palavra eterna do Pai (cf. Jo 1,14) passou a fazer parte da história humana descendo ao seio de uma mulher como ao contexto de uma determinada cultura. Este "apequenar-se" do Verbo, este assumir a condição de servo sem se apegar à sua igualdade com Deus, mas esvaziando-se a si mesmo (cf. Fl 2,6-7), e este fazer-se contingente no tempo e no espaço – não por ficção, mas na verdade – revela a condescendência de Deus pelo homem, proclamando o seu infinito amor. Eis, então, que Jesus de Nazaré assume plenamente a cultura dos seus contemporâneos com toda a sua grandeza e as suas limitações, filho de um povo específico, o Israel daquele tempo. Verdadeiramente obediente ao Pai e verdadeiramente obediente ao homem!

É justamente na obediência a essa economia que o Filho se tornou nosso Salvador. *"Quod non est assumptum, non est sanatum"; "quod semel assumpsit numquam dimisit";*[3] os dois conhecidos axiomas patrísticos exprimem bem a lei paradoxal da salvação: não há salvação sem encarnação, nem encarnação sem inculturação. Afirmar, portanto, "a natural índole missionária da Igreja significa testemunhar essencialmente que a tarefa da inculturação, como difusão integral do Evangelho e sua consequente tradução em pensamento e vida, continua ainda hoje e constitui o coração, o meio e a finalidade da *nova evangelização"*.[4]

2. Mudança de paradigmas culturais

Sujeito da missão salesiana no mundo de hoje é uma comunidade com cerca de 16 mil membros presentes em todos os continentes e espalhados por bem 132 países. Embora nem todos

---

[3] Cf. A. Grillmeier, *LThK* 8, p. 954-955; Id., *Jesus der Christus im Glauben der Kirche.* I. Freiburg, 1979.

[4] João Paulo II, Discurso de encerramento dos trabalhos do Conselho Internacional para a Catequese. Roma, 26/9/1992.

os irmãos tenham consciência disso, o conhecido fenômeno da globalização é um fato vivido em nossa Congregação, o que nos coloca diante do desafio sempre mais premente de tornar presente o único carisma salesiano numa multiplicidade de variados contextos sociais, religiosos e culturais. Não resta dúvida de que o carisma salesiano é único, válido para todos e cada um, mas não pode ser vivido de forma unívoca; se não for bem enraizado na cultura em que a comunidade realiza a sua missão, não saberá desprender as virtualidades de salvação que encerra, não resultará significativo no hoje da nossa história, nem poderá subsistir no futuro.

Em minhas visitas às Inspetorias, tenho a impressão, não raramente, de que muitos dos nossos irmãos, levados pelas urgências apostólicas do momento, não deem a devida atenção a essa responsabilidade. Vem também alguma dúvida sobre a formação inicial: é óbvio favorecer no jovem irmão a apropriação pessoal do carisma nos anos de formação, mas talvez se transcure ou não se dê o justo valor à educação de uma adequada sensibilidade cultural, com particular atenção às culturas juvenis.

Vivemos uma mudança epocal, da qual não escapam nem a Igreja nem a Congregação, mudança que gera crise e insegurança, mas também, não menos, suscita novas expectativas e propõe verdadeiras oportunidades, apenas imagináveis há algum tempo. Parece-me obrigatório acenar aqui, embora brevemente, a alguns dos fatos que mais identificam a mudança em ato e põe em discussão a nossa forma de viver como consagrados educadores e de realizar a nossa missão.

A globalização

A globalização caracteriza, sem dúvida, o momento histórico em que vivemos. Fenômeno irrefreável e recente que se refere, primeiramente, às novas formas da organização jurídica, produtiva e financeira, surgidas no assim chamado “primeiro mundo”

com a intenção precisa de criar em escala mundial um mercado único e maximizar os lucros, a globalização conseguiu não só unificar e tornar homogêneas as condições econômicas, como também os estilos de vida, a cultura e, mais em geral, as ideologias "politicamente corretas" em conformidade com o modelo ocidental. A globalização eliminou distâncias e fronteiras, aproximou povos e pessoas; hoje, é possível enviar a qualquer parte do mundo um número quase infinito de informações. A possibilidade de conectar em poucos segundos lugares milhares de quilômetros distantes uns dos outros acabou por condicionar também os sistemas de produção e de comercialização: os capitais não têm mais pátria, nem são mais garantidos os empregos fixos ou a segurança dos cidadãos, vistos os fluxos migratórios e os fenômenos a eles relacionados. Deve-se reconhecer que a globalização ofereceu e oferece vantagens seguras, mas também se deve dizer que ela condicionou e condiciona todos os contextos da sociedade atual, já convertida em "aldeia global", de modo que sociedades até ontem separadas pelas culturas, tradições, crenças e modas se veem imersas num amálgama que ameaça as suas identidades peculiares.

Trata-se, pois, de uma realidade ambígua, que tende e nivelar tudo e todos segundo parâmetros que não respeitam diversidades e exclui quem a elas não se adéqua.

"Tem-se a impressão de que os complexos dinamismos, suscitados pela globalização da economia e dos meios de comunicação, tendem a reduzir progressivamente o homem a um dos elementos do mercado, a uma mercadoria de permuta, a um fator totalmente irrelevante nas opções mais decisivas. De tal modo, o homem corre o risco de se sentir esmagado por mecanismos de dimensão mundial, sem rosto, e a perder cada vez mais a sua identidade e a sua dignidade de pessoa. Devido a tais dinamismos, também as culturas, se não forem acolhidas e respeitadas na sua originalidade e riqueza, mas adaptadas forçadamente

às exigências do mercado e da moda, podem correr o perigo da aceitação dos modelos dominantes. De aí deriva um produto cultural conotado por um sincretismo superficial, em que se impõem novas escalas de valores, derivadas de critérios muitas vezes arbitrários, materialistas e consumistas, contrários a qualquer abertura ao Transcendente."[5]

Na Congregação, como na Igreja, não somos estranhos a esse processo, e deveríamos levar a sério o desafio de promover e transmitir "uma cultura viva, capaz de promover a comunicação e a fraternidade entre diversos grupos e povos e entre os diversos campos da criatividade humana. Noutras palavras, o mundo de hoje desafia-nos a *nos conhecermos e nos respeitarmos uns aos outros, na diversidade das nossas culturas e através delas*".[6] Mediante as nossas presenças apostólicas e, antes de tudo, no interior das nossas comunidades religiosas, sempre mais pluriculturais, somos chamados a viver e testemunhar uma comunhão na qual a "recíproca atenção ajuda a superar a solidão, e a comunicação impele a todos a sentirem-se corresponsáveis; o perdão cicatriza as feridas... Numa comunidade deste tipo, a natureza do carisma dirige as energias, sustenta a fidelidade e orienta o trabalho apostólico de todos para a única missão. Para apresentar à humanidade de hoje o seu verdadeiro rosto, a Igreja tem urgente necessidade de tais comunidades fraternas, cuja própria existência já constitui uma contribuição para a nova evangelização, porque mostram de modo concreto os frutos do 'mandamento novo'".[7]

Vivendo como irmãos entre nós e como agentes de paz e solidariedade com todos, promovemos a unidade da família humana e a transformação do mundo segundo o coração de Deus;

---

[5] JOÃO PAULO II, Discurso aos membros das Pontifícias Academias por ocasião da sexta reunião pública, 8/11/2001.

[6] JOÃO PAULO II, Discurso aos representantes do mundo da cultura e da ciência. Tbilisi, Geórgia, 9/11/1999.

[7] VC 45. Cf. Bento XVI, Homilia na Solenidade de Corpus Christi, 23/6/2011.

"da fé vivida com coragem brota, tanto hoje como no passado, uma fecunda cultura feita de amor pela vida",[8] que caracteriza o carisma salesiano. Dessa forma, podemos responder com eficácia à nossa tarefa e oferecer uma contribuição original, ou seja, "enfrentar criativamente o desafio da inculturação e conservar ao mesmo tempo a [própria] identidade".[9]

O diálogo inter-religioso

No quadro de nossa atividade apostólica, além do processo de inculturação, vemo-nos sempre mais confrontados, e às vezes desafiados, pelo pluralismo cultural, principalmente religioso, fenômenos que impregnam o mundo de hoje. À tendência de nivelar tudo, que caracteriza o atual processo de globalização, opõe-se uma forte afirmação de culturas particulares e de religiões, tanto antigas quanto recentes; elas exigem reconhecimento e respeito, procuram afirmar-se ou proteger-se, manifestando, às vezes, reações fundamentalistas, quando advertem ameaças à sua identidade e liberdade de expressão. De modo que, nas atuais circunstâncias históricas, o diálogo inter-religioso assumiu uma nova e imprescindível urgência, tornando-se elemento estratégico da missão.

A Igreja tem-se empenhado na "construção de pontes de amizade com os seguidores de todas as religiões, a fim de procurar o bem autêntico de todas as pessoas e da sociedade no seu conjunto".[10] Embora o Evangelho continue a ser "a prioridade permanente" da sua missão, "o diálogo inter-religioso faz parte da missão evangelizadora da Igreja":[11] dedicando-se, então, à

---

[8] BENTO XVI, Discurso à Assembleia do II Congresso de Aquileia, 7/5/2011.

[9] VC 51. "O desafio da inculturação há de ser acolhido pelas pessoas consagradas como apelo a uma fecunda cooperação com a graça na aproximação às diversas culturas" (VC 79).

[10] BENTO XVI, Discurso aos representantes das Igrejas e comunidades eclesiais e de outras religiões não cristãs. Roma, 25/4/2005.

[11] JOÃO PAULO II, *Redemptoris Missio.* Encíclica sobre a permanente validade do mandato missionário, 44.55. Roma 12/9/1990.

evangelização, cada fiel e todas as comunidades cristãs são chamados a praticar este diálogo.

Para os Salesianos que trabalham hoje em favor dos jovens em todos os cenários possíveis, inclusive o da *missio ad gentes*, o diálogo inter-religioso não pode ser visto como atividade marginal no viver como crentes e no colocar-se a serviço da fé, nem como opção puramente pessoal ou de Congregação, mas deve ser reconhecido como "um serviço necessário à humanidade",[12] ou melhor, "algo que surge das exigências próprias da fé. Brota da fé e deve ser nutrido pela fé".[13]

De fato, dialogar entre crentes de fé diversa, e também com não crentes, "é um itinerário de fé";[14] isso não exige renunciar a qualquer elemento da nossa identidade cristã, tanto do que cremos quanto do que praticamos, e nem sequer colocá-lo entre parêntesis ou até mesmo em dúvida; bem ao contrário: os nossos interlocutores, sejam eles jovens que educamos ou pessoas que compartilham o nosso trabalho educativo, desejam, e com pleno direito, conhecer claramente quem somos nós, o que pensamos e para Quem trabalhamos. É certo que educamos e acompanhamos os jovens cristãos em seu itinerário de fé; mas também estamos cientes de que, de modo sempre mais maciço, jovens ou colaboradores pertencentes a outras religiões ou indiferentes do ponto de vista religioso, e até descrentes, nos procuram como educadores, companheiros de viagem e guias. Por isso, aproximamo-nos deles com interesse cordial, vivemos e trabalhamos com eles no respeito absoluto de sua liberdade, sempre nos propondo como testemunhas alegres de Jesus Cristo e membros leais de uma comunidade de fé.

---

[12] JEAN LUIS, CARD. TAURAN, Intervenção na VI Conferência de Doha sobre o diálogo inter-religioso (13/5/2008).

[13] Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso, Carta aos presidentes das Conferências Episcopais sobre a Espiritualidade do Diálogo, 3/3/1999.

[14] BENTO XVI, Discurso aos participantes da X Assembleia Plenária do Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso, 7/6/2008.

Para nós, o diálogo, mais do que um "método" para realizar a missão salesiana, é o próprio "modo" de realizá-la. E se há um "diálogo da ação" que nos leva a buscar formas concretas de colaboração leal, "enquanto aplicamos as nossas intuições religiosas [e carismáticas] à tarefa de promover o desenvolvimento humano integral, trabalhando pela paz, pela justiça e pela salvaguarda da criação", deveríamos centrar-nos como educadores, sobretudo no "diálogo da vida" que implica simplesmente em "viver lado a lado e aprender uns dos outros, de forma a crescer na compreensão recíproca e no respeito mútuo".[15]

É assim que o diálogo se converte em anúncio: "dois modos de pôr em prática a missão da Igreja".[16] Nós o realizamos como crentes e como educadores: dialogando com outros crentes testemunhamos Cristo e o imitamos "na sua preocupação e compaixão por cada um e no respeito pela liberdade da pessoa".[17] Num mundo marcado pelo pluralismo religioso, proclamar a própria fé tem ressonâncias novas, ainda a explorar; entregues completamente a Deus, caminhamos na direção do único Pai com pessoas de fé e cultura diversas, colocando-as no centro das nossas preocupações, ouvindo-as, apropriando-nos das questões que as angustiam e buscando com elas as respostas que dão sentido à nossa história comum.

A situação juvenil

Enquanto globalização e diálogo inter-religioso são acontecimentos que hoje questionam a missão salesiana "desde o exterior", ou seja, proveem da mudança no atual paradigma cultural,

---

[15] BENTO XVI, Discurso aos representantes institucionais e leigos de outras religiões. Londres, 17 /9/2010.

[16] Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso, Dialogue and proclamation: a reflection and orientations on interreligious dialogue and the proclamation of the Gospel of Jesus Christ, 82. Roma, 19/5/1991.

[17] Pontifício Conselho para o Diálogo Inter-religioso, Carta aos presidentes das Conferências Episcopais sobre a Espiritualidade do diálogo, 6. Roma, 3/3/1999.

parece-me perceber na Congregação um fenômeno muito preocupante, que pode colocar em risco a inevitável responsabilidade que temos de inculturar o carisma salesiano em favor dos jovens, mediante a educação e a evangelização. Registro, cá e lá, entre os irmãos, uma resistência mais ou menos consciente, e, às vezes, uma incapacidade declarada de aproximar-se com simpatia, de iluminar com perspicácia, fruto do estudo, e de acolher cordialmente as novas formas de expressão que caracterizam os jovens de hoje, não menos do que as experiências coletivas com que dão forma aos seus "espetaculares" estilos de vida,[18] ou seja, aquelas experiências que normalmente se afirmam no tempo livre, quase sempre à margem das instituições sociais habituais.

Frutos da profunda mudança cultural em que estamos imersos em nosso Ocidente são, por exemplo, a interpretação da realidade, mais como história mutante do que natureza estável, e a reivindicação do indivíduo que se vê e se quer como valor absoluto, em contínua busca de si, municiado de uma quase ilimitada liberdade de experimentação e orgulhoso da sua autonomia pessoal. Neste contexto, os jovens – metade da população mundial tem menos de 20 anos – tornam-se, infelizmente, mais vítimas do que protagonistas. Sem raízes e apartados de referências sólidas, são obrigados a, sozinhos, buscar a própria identidade pessoal e escolher um caminho preciso de atuação. Eles não encontram na sociedade, e muitas vezes nem mesmo na Igreja, modelos a adotar, metas atraentes a alcançar e, nem sequer, guias confiáveis aos quais se dirigirem, tanto mais que a família é ausente ou despreparada, enquanto a escola se mostra distante do mundo juvenil e ineficaz nas metodologias educativas e didáticas.[19] Ao

---

[18] Cf. J. González-Anleo – J. M. González-Anleo, *La juventud actual*. Estella, Verbo Divino, 2008, 44. Para uma descrição dos estilos de vida juvenis nas sociedades ocidentais, ver a monografia "De las 'tribus urbanas' a las culturas juveniles", *Revista de Estudios de Juventud* 64 (2004), p. 39-136.

[19] "Não será o prescindir dos jovens o verdadeiro sinal do ocaso da nossa cultura?", U. Galimberti, *L'ospite inquietante. Il nichilismo e i giovani*. Milão, Feltrinelli, 2008, p. 13.

usufruir sempre mais de uma liberdade sem normas e sem horizontes, imersos num clima cultural sempre mais complexo e confuso, envolvidos e, às vezes, arrastados por um mercado de múltiplos e variados valores religiosos e morais, são obrigados a "inventar a própria vida sem um manual de instruções".[20]

O CG26 ilustra esta situação quando, ao falar das novas fronteiras, afirma: "Reconhecemos, também, as expectativas dos jovens espiritual e culturalmente pobres, que solicitam o nosso empenho: jovens que perderam o sentido da vida, carentes de afeto pela instabilidade da família, desiludidos e esvaziados pela mentalidade consumista, indiferentes quanto à religião, desmotivados pelo permissivismo, pelo relativismo ético, pela difusa cultura de morte".[21]

Esta solidão afetiva não é a única, nem diria a mais extensa forma de pobreza existencial, na qual os jovens de hoje se encontram. A maioria imensa dos que povoam o assim chamado Terceiro Mundo conhece bem a indigência econômica, a precariedade familiar, a discriminação racial, as carências educativas e culturais, o despreparo para o trabalho, o abuso ignóbil da parte de terceiros, o emprego abusivo como mão de obra, o fechamento de horizontes que sufoca a vida, dependências variadas e outros desvios sociais.

O mapa atual da desorientação juvenil é um quadro tão desolador que apela para a urgente conversão à compaixão (cf. Mc 6,34; 8,2-3) não menos do que à ação (cf. Mc 6,37; 8,4-5), porque todos nós nos sentimos enviados a ser para eles "sinais e testemunhas do amor de Deus" (Const. 2). Basta um simples elenco de situações para entender a urgência do momento:

- Os cerca de 100 milhões de meninos de rua, que preferiram assumir a rua como *habitat* natural devido à insu-

---

[20] J. A. MARINA, *Aprender a vivir*. Barcelona, Ariel, 2004, p. 183.

[21] CG26, 98.

portável situação familiar. Alguns encontram refúgio em covis ou esgotos, milhares só em Bucareste, 1 milhão na Europa Ocidental, 12 milhões no mundo.

- Os cerca de 300 mil meninos-soldados, que atuam em exércitos regulares ou como sicários, ainda jovens, mas já a serviço da morte.
- O número sempre maior de jovens violentados, vítimas da pedofilia e do chamado turismo sexual: 1 milhão de crianças, segundo dados do Unicef, seriam introduzidos todos os anos no comércio sexual, mercado que movimenta 13 bilhões de dólares anualmente.
- Contam-se 250 milhões de menores, meninos e meninas entre 5 e 15 anos, obrigados a trabalhos proibidos devido à periculosidade física, psíquica ou mental, feitos às vezes escravos, pouco mais de um século depois da abolição legal da escravidão.
- O número dos jovens pobres e marginalizados sem acesso a todos os bens, aos quais têm direito qualquer pessoa, vai além de qualquer previsão: mais de 600 milhões de crianças vivem abaixo do nível da pobreza; os desnutridos somam 160 milhões; 6 milhões morrem de fome todos os anos: 17 mil por dia, 708 a cada hora...
- Os jovens de ninguém, sem pais, sem casa, sem pátria, são cerca de 50 milhões. Os sem instrução, analfabetos, chegam a 130 milhões. Ao menos 6 milhões de crianças foram mutiladas e fala-se de 4 milhões de mulheres e crianças doadoras forçadas de órgãos.
- A cada minuto, nos cinco continentes, 5 crianças contraem o vírus da Aids. Já são quase 11 milhões os menores que contraíram o vírus. E, apenas na África, registram-se 13 milhões de órfãos devido à Aids. Quantas, depois, as crianças atacadas pela tuberculose, malária, meningite, hepatite, cólera, ebola...?

- São mais de 50 milhões as crianças exiladas e/ou refugiadas, vítimas do ódio racial, das guerras, das perseguições, amontoadas nos campos de refugiados ou dispersas cá e acolá.

Diante desse panorama, tão dramático, das chagas do mundo juvenil, nós Salesianos não podemos deixar de estar, como Dom Bosco, "do lado dos jovens, porque temos confiança neles, na sua vontade de aprender, estudar, sair da pobreza, tomar nas mãos o próprio futuro... Estamos do lado dos jovens porque acreditamos no valor da pessoa, na possibilidade de um mundo diverso, e, sobretudo, no grande valor do trabalho educativo". Tanta desventura instigou as nossas consciências: em 20 de abril de 2002, ao final do CG25, eu e mais 231 representantes dos Salesianos do mundo todo assinamos um apelo dirigido, sim, a todos os que têm responsabilidade em relação aos jovens, mas que, antes de tudo, nos obriga a: "Antes que seja muito tarde, salvemos os jovens, o futuro do mundo".[22]

Um continente a fermentar: o digital

"Se a Igreja quiser permanecer fiel à sua missão de sacramento universal de salvação, deve aprender as linguagens dos homens e das mulheres de cada tempo, etnia e lugar. E nós Salesianos, de modo particular, devemos aprender e utilizar a linguagem dos jovens. [...] Trata-se, no fundo, de um problema de comunicação, de inculturação do Evangelho nas realidades sociais e culturais; um problema de educação à fé para as novas gerações".[23] O esforço de inculturar a visão salesiana da vida no mundo atual deve incluir necessariamente na sua finalidade

---

[22] Cf. CG25, "Apelo para salvar os jovens do mundo", *A comunidade salesiana hoje.* Documentos Capitulares, ACG 378 (2002), p. 118-120.

[23] PASCUAL CHÁVEZ, Discurso de encerramento do CG26, in *"Da mihi animas, cetera tolle"*. Documentos Capitulares. CG26. São Paulo, Salesiana, 2008, p. 160.

o novo *continente digital,* que não é uma realidade meramente instrumental; ele na verdade dá forma a novos códigos culturais; e, se é verdade que ele cria possibilidades inéditas de interação comunicativa, também apresenta perigos até agora ignorados.

O termo "continente digital" é uma intuição feliz do papa Bento XVI, expressa em sua mensagem para a Jornada Mundial das Comunicações Sociais de 2009, em um contexto que conclamava os jovens a evangelizarem os seus companheiros.

Há uma imagem bíblica que pode nos ajudar a entender o que significa inculturar o carisma no continente digital. Encontramo-la em Mt 13,33 (e Lc 13,20-21): a mulher que "esconde" o fermento em 3 medidas de farinha "para que tudo se fermente". O que significará "fermentar" o continente digital? É uma imagem simples, mas que bem exprime a nossa preocupação no momento em que a Web de circulação mundial (apenas para dar um exemplo) passa de Web 2.0 a Web 3.0; da Web que se concentrava na conexão interativa das pessoas à Web que faz interagir dados de modo significativo. Trata-se de uma mudança que, sob os nossos olhos, se vai verificando de forma sutil, e que não é diferente daquela do fermento na massa. Quem de nós ainda não clicou no *link* de uma grande cidade e não viu aparecer uma infinidade de opções – hotéis onde se hospedar, eventos dos quais participar, lugares a visitar – e tudo em obediência aos seus interesses pessoais? Será que o computador conhecia os seus interesses? Certamente que não, mas sabia como fazer para criar uma conexão entre significados, neste caso, entre interesses e ofertas. A resposta está na semântica (ciência dos significados), mas somente os seres humanos podem oferecer (*podem!,* e não podemos perder isso de vista) essas semânticas de modo que as máquinas consigam interpretá-las.

A tradição espiritual cristã clássica oferece-nos outra imagem que pode ajudar nesse contexto. Encontramo-la no *Castelo interior*, de Santa Teresa d'Ávila, texto que em sua aplicação

não conhece limites de tempo. "Comecei a pensar na alma como se ela fosse um castelo feito de um único diamante ou de único cristal muito brilhante",[24] diz ela, guiando-nos depois por sete "mansões" ou salas, sendo cada uma delas um lugar de passagem para a união definitiva com Deus, colocado no centro do castelo. Esta pode ser outra imagem que ajuda a mover-se no continente digital. Pensemos no castelo como no continente digital, com muitas "salas" e "conexões". Como encontraremos o caminho para ir em direção ao centro? As várias salas estão conectadas de modo significativo? Será possível encontrar caminhos para chegar à meta? O centro ainda é Deus, naturalmente, e Cristo, o guia, mas "... o anúncio de Cristo no mundo das novas tecnologias supõe um conhecimento profundo das mesmas para se chegar a uma sua conveniente utilização".[25]

Podem-nos socorrer uma terceira imagem: pensemos num jardim, talvez um tanto descuidado, mas não desprovido de trilhas e com uma infinidade de trepadeiras e cipós. Poderíamos caminhar pelo jardim seguindo as trilhas ou servindo-nos dos cipós. Mas também podemos imaginar como vão as coisas debaixo da terra, onde tudo se desenvolve num ecossistema complexo, talvez desordenado, mas eminentemente cheio de vida!

As três imagens – fermento, castelo, ecossistema – ajudam-nos a perceber mais plenamente o significado da inculturação do carisma no continente digital. É uma das tarefas da Nova Evangelização. Em certo sentido, trata-se de uma tarefa velada, mas com indicações que podemos seguir. Há um verdadeiro Guia para o castelo virtual se ajudarmos as tecnologias a servirem à missão. E somos convidados a entrar no complexo, talvez desordenado, ecossistema cheio de vida, conscientes de que Jesus quer que vivamos ali em Seu nome!

---

[24] TERESA D'AVILA (1515-1582), *Moradas del castillo interior* I, 1,1. In: *Obras completas*, Efrén de la Madre de Dios – Otger Steggiink (eds.). Madri, BAC, 1982, p. 365.

[25] BENTO XVI, Mensagem para a XLIII Jornada Mundial das Comunicações Sociais. Roma, 24/1/2009.

Não podemos deixar de viver, ou ao menos viver parcialmente, no atual continente digital. Como Manuel Castells afirma sabiamente: "Alguém poderia dizer: 'Por que não me deixas em paz? Não quero saber nada da tua Internet, da tua civilização tecnológica, da tua sociedade das *networks*. Quero viver a minha vida tranquilamente'. Se for esta a tua posição, devo dar-te uma má notícia. Se não te ocupares dos noticiários, os noticiários, de qualquer forma, haverão de ocupar-se de ti. Enquanto quiseres viver nesta sociedade, neste tempo e neste lugar deverás preocupar-te com a sociedade das comunicações".[26]

Em vez de sermos arrastados contra a vontade no continente digital, temos o dever de nos encontrarmos ali de modo real e eficaz. Hoje, isso significa, entre outras coisas, interessar-se por estruturas significativas, introduzir conexões válidas nos nossos documentos e dados. Podemos orientar tecnologias de busca, por exemplo, com documentos que visem mais à estrutura semântica do que ao fato de parecerem "belos" e atraentes. A primeira tarefa cabe a todo Salesiano que "tuíta", que se comunica com *e-mail* ou escreve! A outra tarefa cabe a quem tem a responsabilidade dos milhares de sítios Web salesianos no mundo.

Este último grupo não é uma pequena legião na Congregação! Pouquíssimas comunidades, centros, obras não têm um sítio Web. Os responsáveis – Salesianos ou colaboradores leigos – desempenham um papel sempre mais significativo num mundo em que o carisma é compreendido e inculturado no continente digital. De fato, eles podem fazer com que "carisma" se torne hoje uma importante palavra de busca, levando a contextos que nós desejamos determinar, em vez de deixá-los ao léu dos motores de busca, que os descobrem de modo casual ou não verdadeiro.

---

[26] Cf. M. CASTELLS, *The Internet galaxy: reflections on the Internet, business, and society*. Londres, University Press, 2001, p. 282.

Em outras palavras, entrar e agir nesse âmbito exige clareza de ideias, consciência ética viva, sensibilidade educativa e espiritual intensa, não menos do que um conhecimento adequado dos instrumentos e das lógicas que os governam. O setor da Comunicação Social já trabalha neste campo e pode oferecer a irmãos e colaboradores leigos reflexões interessantes e, em alguns casos, conselhos técnicos definidos. Não se trata de conselhos dados pelo gosto de aconselhar, nem de tecnologia oferecida pelo gosto da moda tecnológica. O setor das Comunicações Sociais trabalha em pleno acordo com os da Pastoral, da Formação e das Missões em favor do carisma e da missão comum. Juntos, eles nos ajudam a inculturar e, com isso, a propor e divulgar no nosso mundo, em contínua e rápida mudança, uma perspectiva de fé fundada na visão do nosso pai Dom Bosco.

Resumindo: a Congregação, mediante a educação e a prevenção, empenhou-se a dar novamente voz aos jovens, a ajudá-los a reencontrarem a si mesmos, a acompanhá-los com paciência e confiança no caminho da sua construção pessoal, a oferecer-lhes instrumentos para ganharem a vida; mas, ao mesmo tempo, estamos empenhados em propor um modo que lhes seja adequado para se relacionarem com Deus. E desejamos fazê-lo vivendo no mundo deles e falando a linguagem deles, estando ao lado deles, não só como nossos destinatários privilegiados, mas, sobretudo, como companheiros de viagem. Ou não terá nada a nos dizer o fato de termos nascido, como Congregação, no distante 18 de dezembro de 1859 *entre* jovens e, para ser exato, *por* 16 deles, adolescentes entre 15 e 21 anos, que, tendo experimentado pessoalmente a obra de resgate e promoção de Dom Bosco, quiseram participar da sua missão assumindo um papel de sujeitos protagonistas?

A fim de recriar o carisma salesiano nas mais variadas situações nas quais nos encontramos, não basta adaptá-lo aos diversos contextos juvenis; é preciso, ainda mais, investir nos jovens,

fazendo com que sejam sujeitos protagonistas e colaboradores confiáveis, sem jamais esquecer que eles são a razão da nossa consagração a Deus e da nossa missão.

3. A IGREJA PRIMITIVA, MODELO E NORMA DE EVANGELIZAÇÃO INCULTURADA[27]

O Evangelho nasceu, foi formulado e proclamado no interior de uma cultura particular. Sabemos que as primeiras afirmações sobre a ressurreição de Jesus (cf. 1Cor 15,3-5; At 2,24-35), a sua messianidade (cf. At 5,42; 9,22) e autoridade universal (cf. At 2,36), como também os convites à conversão (cf. At 2,40; 3,19), tudo foi formulado em categorias culturais próprias de Israel. Enquanto a nova fé era apresentada aos judeus, não havia necessidade de acrescentar longas explicações dos termos (cf. At 3,21-26) ou uma introdução ao pensamento subjacente (cf. At 2,25-32.34-35). Bastaria pensar na primeira pregação de Pedro em Jerusalém no dia de Pentecostes (cf. At 2,14-41) para encontrar um bom exemplo de evangelização perfeitamente inculturada na mentalidade religiosa tanto do pregador quanto dos seus ouvintes.[28]

Uma missão bem-sucedida porque bem inculturada

Apenas vinte e cinco anos depois da morte de Jesus e graças à admirável expansão missionária levada adiante pelo grupo dos "helenistas" (cf. At 6,1; 9,29), os crentes de origem e cultura pagãs tornaram-se maioria nas comunidades cristãs. É óbvio que

---

[27] Para esta reflexão bíblica, apoiei-me em JUAN J. BARTOLOMÉ, *Paolo di Tarso: una introduzione alla vita e all'opera dell'apostolo di Cristo.* Roma, LAS, 2009, p. 177-192.

[28] Outro belo exemplo de inculturação do evangelho, embora não bem-sucedido, é o discurso de Paulo em Atenas, "cidade cheia de ídolos" (At 17,16-31). Enquanto Paulo falou a um auditório curioso sobre um Deus que lhes era desconhecido, deixaram-no falar, até que mencionou a ressurreição de um morto..., afirmação culturalmente inaceitável.

os discípulos mais antigos do Senhor não estavam preparados para enfrentar a situação que se vinha criando como consequência da abertura dos gentios ao Evangelho e da sua incorporação na vida da comunidade.

Já não se tratava de encontrar um lugar na comunidade para alguns indivíduos, como foi o caso do eunuco (At 8,26-40) ou do centurião Cornélio (At 10,1-11,18). Era preciso adaptar-se à presença de comunidades inteiras de origem étnica, mentalidade e costumes diversos no interior do único e definitivo povo de Deus. A própria comunidade de Jerusalém na qual, desde o princípio, viveram crentes de proveniência cultural diversa (cf. At 2,5-12; 6,1; 9,29), experimentara as dificuldades que essa convivência comportava (At 6,1-6) e sofrera até mesmo perseguição por isso (At 8,1-3). Estava em jogo a própria identidade da nova vida comum nascida da única confissão de Cristo Jesus.

A informação detalhada, que as fontes nos fornecem, confirma a importância atribuída a este conflito tanto por Paulo, um dos protagonistas do episódio (Gl 2,1-10), quanto por Lucas (At 15,1-35). Embora as duas narrações não sejam uma completa prestação formal de contas e nem mesmo neutra, pode-se colher delas o essencial; o debate centrava-se na questão da circuncisão: era preciso ou não impô-la aos novos cristãos não judeus? Havia, no fundo, o desejo de integrar os pagãos no povo judaico como condição *sine qua non* para a inserção na comunidade cristã. A circuncisão fora e devia continuar a ser, o *sinal da aliança* (Gn 17,11), a marca da identidade do povo de Deus e a prova da sua fidelidade; como consequência, não se tinha por suficiente crer em Jesus; era preciso que esta fé estivesse unida ao regime da lei mosaica.

A práxis dos helenistas cristãos, que não tinham imposto a circuncisão – como o faziam os judeus com os "tementes a Deus" – para não criar obstáculo à conversão dos pagãos, era considerada por alguns uma tática oportunista, alheia à vontade

salvífica de Deus. Devemos a Paulo o fato de ter percebido com lucidez e ter defendido com paixão uma prática missionária que não impunha a judeização dos crentes que provinham do paganismo; é verdade que não fora ele a iniciar esta práxis, mas a fizera sua com coerência e convicção (At 11,22). Paulo fala da distinção entre "evangelho da incircuncisão" pregado por ele e "evangelho da circuncisão" (Gl 2,7), que tinha Pedro como referência. Deve-se notar que são duas expressões únicas em toda a literatura antiga. Dessa forma, o único evangelho (Gl 1,6-9) foi acolhido de maneiras diversas, segundo a perspectiva "cultural" dos ouvintes; a ser anunciado para judeus e gentios é sempre e somente Cristo Jesus, embora não do mesmo modo e nem com as mesmas aplicações práticas.

Unidade na fé, diversidade na vivência

Por trás desses episódios, esconde-se um paradigma, uma norma que pode orientar a ação: começa, de fato, uma grande mudança na história do judaísmo, para o qual nasce um herdeiro das próprias promessas; este não se sente obrigado a observar a lei, que, até então, era a única garantia para participar da aliança com Deus. Esse fato é ainda mais decisivo para a origem da comunidade cristã, pois já se estava vivendo o Evangelho de Jesus, "independente da lei mosaica" (Rm 3,21), libertado, portanto, da cultura hebraica que até então fora o seu invólucro e proteção.

Estava em jogo nada mais do que a [auto]consciência da comunidade cristã, que se via progressivamente desligada da lei de Moisés e, portanto, não mais apenas judaica. Não que a lei se tornasse inútil; ela conservara o seu valor, mas só para alguns, enquanto a fé no Senhor Jesus era oferecida a todos e para a salvação de todos. Os seguidores de Cristo, judeus ou gentios que fossem, tornavam-se, a partir daquele momento e para sempre, o novo povo de Deus, o verdadeiro Israel.

Se aos convertidos do paganismo não se devia impor outra servidão senão o jugo suave da fé em Cristo, as comunidades pagão-cristãs deviam ser reconhecidas como membros de pleno direito do corpo que é a Igreja; em seu interior, todos viviam a única fé, mas nem todos da mesma maneira. Como Paulo escreverá em meados dos anos 50, cada um deve continuar a viver "na condição que o Senhor lhe atribuiu" (1Cor 7,17): assim como o pagão não deve fazer-se judeu para ser cristão, também o judeu não deverá deixar de viver como judeu para se cristão. Dessa forma, a vida cristã é declinada numa pluralidade de culturas, pois não há uma única cultura exclusivamente cristã.

Continuavam em vigor as prescrições válidas até aquele momento para as comunidades judeu-cristãs e para a evangelização dos judeus. Ao mesmo tempo, porém, fora rompida a concepção judaica da lei, da história da salvação e do povo de Deus, que não tolerava ao seu lado a existência de outro caminho de salvação. Isso supunha uma grande mudança – dolorosa, certamente – para os primeiros cristãos, todos eles judeus: podiam continuar a obedecer à lei (1Cor 9,20-21) como parte dos seus usos e costumes ancestrais, mas não podiam excluir da fé os irmãos não judeus. Mirava-se, assim, não à fusão de grupos culturalmente heterogêneos, mas à convivência fraterna, cada um conservando a própria identidade.

Lembrar-se dos pobres

O acordo alcançado pelas duas partes estabelecia a possibilidade do anúncio do Evangelho a um duplo auditório, de pagãos e de judeus, e afirmava a igualdade de direito entre as duas missões, de resto já em ato: podia-se, ou melhor, era preciso ser cristãos à maneira dos judeus ou à maneira dos pagãos (cf. Gl 2,14). A forma de viver a fé era diversa, enquanto ela permanecia única, como única era a vida comum.

Essa unidade, convalidada por um aperto de mão "em sinal de comunhão" (Gl 2,9), foi confirmada por um pedido de "lembrar-se dos pobres", que Paulo e Barnabé se apressam em assumir. O fato não é insignificante. Paulo confessa que logo tomou muito a peito esse compromisso; e, com efeito, recolher dinheiro para os pobres de Jerusalém tornou-se para ele parte integrante da sua missão evangelizadora (cf. Gl 2,10; Rm 15,25-26; 1Cor 16,1-3; 2Cor 8-9). Os "pobres" a serem lembrados eram os cristãos judeus da Palestina, que num momento de grande entusiasmo pelo retorno imediato do Senhor, tinham posto "propriedades e dinheiro" à disposição da comunidade (At 2,45; 4,32-35). Não esquecê-los tornou-se para Paulo uma missão pastoral importante para reforçar a comunhão entre as diversas igrejas (cf. 1Cor 11,23-26; Rm 15,27), tão decisiva que chegou a considerá-la como culto, e ele como ministro de Cristo (Rm 15,16).

A "lembrança" não se reduzia apenas à ajuda econômica, mas realizava concretamente a unidade das Igrejas; era como saldar uma recíproca "dívida de amor" entre elas (Rm 13,8). Paulo não podia conceber que um crente, judeu ou pagão, pensasse não precisar do outro (cf. 1Cor 12,14-26).

Uma convivência problemática como resultado

Questão importante deixada irresolvida pela assembleia, a julgar pelo testemunho do próprio Paulo (cf. Gl 2,11-21), foi a participação livre na mesa comum por parte dos cristãos provenientes do mundo pagão. A resistência social e cultural dos cristãos judeus a sentar-se à mesa com quem quer que fosse (Lv 17,8-14; 18,6-9) correspondia ao temor ancestral e profundo – normal em comunidades sempre minoritárias – de serem assimilados e perderem a própria identidade. Dois modelos de missão, com exigências rituais e culturais diversas, só podiam pôr em dificuldade a vida do conjunto. A convivência entre judeus e pagãos, no interior da mesma comunidade cristã, estava ameaçada.

Não teria sido melhor confessar a mesma fé em comunidades separadas por barreiras sociais, culturais, religiosas?

Embora por motivos diversos, nem Lucas nem Pedro favoreceram tal propósito; Lucas menciona o assim chamado "decreto apostólico" (cf. At 15,13-29; 21,25). Nele, proíbe-se comer carne sacrificada aos ídolos (Lv 17,8; 1Cor 8,10), ordena-se abster-se de sangue (Lv 17,10-12) e da carne de animais sufocados (cf. Gn 9,4; Lv 17,15; Dt 14,21); ordena-se evitar uniões ilegais (matrimônio entre consanguíneos?) (cf. Lv 18,6-18; 1Cor 5,1-13). Estes preceitos, culturais na origem, baseavam-se em ordenamentos do Antigo Testamento para pagãos residentes em Israel (cf. Lv 17-18); e, segundo a tradição rabínica, faziam parte dos sete mandamentos que deveriam obrigar todos os homens.

A existência do decreto pressupõe, por si só, a dúplice presença judaica e pagã na comunidade cristã, e atesta a continuidade das dificuldades na vida comum que a missão entre os gentios fizera surgir. A proibição de coisas "abomináveis" referia-se à pertença dos "étnico-cristãos" à comunidade judeu-cristã e visava a facilitar as relações entre os dois grupos, e mirava favorecer a convivência, eliminando as conotações mais repugnantes que os judeus associavam aos pagãos. Impondo apenas estas obrigações aos "étnico-cristãos" (At 15,29), não se punha em discussão a sua identidade cristã; antes, sancionava-se a liberdade da circuncisão e da lei, mas pediam-se algumas renúncias, de tipo cultural, para facilitar a comunhão de vida aos judeu-cristãos. De aqui o princípio: mais importante do que a própria cultura é o irmão pelo qual Cristo morreu como dirá Paulo em outra passagem (1Cor 8,11).

Paulo parece ignorar esta imposição: não fala nada disso em sua crônica dos fatos (Gl 2,9) e ela jamais aparece em suas cartas, embora em alguma ocasião precisasse enfrentar problemas semelhantes (cf. 1Cor 5-6; 8,1-11,1; Rm 14). Em todo caso, tornou-se logo evidente a falta de uma regulamentação que, para

todos os efeitos, reconhecesse os cristãos provenientes do paganismo como irmãos amados por Deus.

O fato e o princípio

Devido às tensões no interior da comunidade cristã dos anos 50 criara-se uma perigosa situação próxima ao cisma, que a assembleia de Jerusalém quis e soube superar. Reconheceu-se, não sem esforço, que o cristianismo nascente não era apenas um movimento messiânico de tipo judaico. Se a consciência da própria identidade podia ser viva, ainda mais viva devia ser a defesa da universalidade da salvação.

A assembleia de Jerusalém oferece-nos alguns incentivos para solucionar os nossos problemas na inculturação do Evangelho, oferecendo-nos algumas pistas sobre o modo de enfrentá-los e resolvê-los. Podemos aprender a ver:

1º Que os verdadeiros problemas das comunidades cristãs são aqueles que nascem *da pregação do Evangelho.* A preocupação para salvar o Evangelho em toda a sua verdade (Gl 2,5.14) foi posterior ao trabalho realizado na missão e é sua consequência lógica. Mais: sobre o problema tratado em Jerusalém, os cristãos não tinham soluções prévias; buscaram-nas em comunidade, mediante o diálogo e o discernimento fraterno.

2º Que a pregação do Evangelho, devendo adaptar-se a *judeus e gentios,* obedece à concretude histórica e deve adaptar-se às necessidades dos ouvintes; é por isso que não faltarão problemas para a confissão da única fé e para a vida em comum. Esses problemas, porém, porquanto inevitáveis, não podem romper a comunhão que nasce da única vocação à salvação.

Se para comunicar a salvação ao ouvinte da Palavra, a pregação do Evangelho deve ser "inculturada", a cultura própria é negociável para viver a salvação comum; é o mesmo Paulo a

testemunhá-lo: "Assim, livre em relação a todos, eu me tornei escravo de todos, a fim de ganhar o maior número possível. Com os judeus, me fiz judeu, para ganhar os judeus. Com os súditos da lei – embora não fosse mais súdito da lei –, para ganhar os súditos da lei... Para todos, eu me fiz tudo, para certamente salvar alguns. Por causa do Evangelho eu faço tudo, para dele me tornar participante" (1Cor 9,19-23). Todavia, jamais se poderá sacrificar o irmão por quem o Senhor morreu. O limite insuperável no anúncio do Evangelho não é, portanto, a cultura que o veicula nem a cultura que o acolhe, mas o companheiro de fé a quem jamais se pode renunciar. A razão disso é que a própria cultura, porquanto importante, não tem valor absoluto, pois só o amor é absoluto.

4. Contemplando Dom Bosco

Dom Bosco, nos anos 70, chegou "ao apogeu da sua atividade e da sua operosidade", guiado unicamente pelo "fim primário assumido desde sempre como missão de vida: a salvação dos jovens, a assistência, a educação"[29]: ao cuidado e à expansão das já numerosas obras juvenis acrescentaram-se as diligências e os cansativos processos para dar vida e obter o reconhecimento jurídico de organizações de apoio e animação, como eram a Congregação Salesiana, o Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora e a União dos Cooperadores Salesianos. "Contemporânea a esta surgia, em 1875, a última iniciativa, a missionária... De aí derivava, rapidamente, a universalização dos métodos educativos e do assim chamado espírito salesiano, dando vida a um movimento operativo e espiritual virtualmente vasto como o mundo".[30]

---

[29] Pietro Braido, *Dom Bosco padre dos jovens no século da liberdade.* Vol. I. São Paulo, Salesiana, 2008, p. 16.

[30] Pietro Braido, *Dom Bosco padre dos jovens no século da liberdade.* Vol. I. São Paulo, Salesiana, 2008, p. 362.

O ideal missionário sempre acompanhara Dom Bosco:[31] ele viveu num período de intenso despertar missionário, pelo que seu chamado a ser apóstolo dos jovens nasceu e se desenvolveu como "extensão da ideia inicial..., da conquista das almas mediante a educação cristã da juventude, particularmente pobre, e mediante o estilo e os meios concebidos"[32] no seu sistema pedagógico. E assim, para Dom Bosco, as missões tornaram-se "a área privilegiada na qual podia exercer a sua vocação peculiar de apóstolo dos jovens".[33] À medida que ia descobrindo os planos de Deus, orientava-se para dois projetos diversos, mas complementares: "continuou a voltar a sua atenção à questão missionária e, ao mesmo tempo, começou a acariciar a ideia da fundação do seu Instituto".[34]

A evangelização da Patagônia foi, certamente, *missio ad gentes,* verdadeira *plantatio Ecclesiae,* precedida intencionalmente da presença dos missionários salesianos entre os imigrantes italianos em Buenos Aires e San Nicolás de los Arroyos, 250 quilômetros a noroeste da capital, não só pelas razões de proximidade cultural e de apoio afetivo (de fato, "não ficariam isolados, mas entre amigos, entre conacionais"[35]), mas sobretudo porque a desastrosa situação religiosa e moral dos imigrantes tornava "mais necessária a presença entre os italianos do que entre os

---

[31] Cf. MB X, p. 53-55. "As antigas aspirações missionárias, que nos anos do Colégio Eclesiástico o tinham levado a aprender um pouco de espanhol e a preparar os baús para unir-se aos Oblatos de Maria Virgem, confessa o próprio Dom Bosco, jamais se extinguiram": PIETRO STELLA, *Don Bosco nella Storia della Religiosità cattolica.* Vol I. Vita e opere. 2ª ed. Roma, LAS, 1979, p. 168.

[32] Cf. ALBERTO CAVIGLIA,"La concezione missionaria di Don Bosco e le sue attuazioni salesiane". *Omnis terra adoret Te* 24 (1932), p. 5.

[33] LUIGI RICCERI, "Il Progetto missionario di Don Bosco". In: *Centenario delle Missioni Salesiane 1875-1975: discorsi commemorativi*. Roma, LAS, 1980, p. 14.

[34] AGOSTINO FAVALE, *Il progetto missionario di Don Bosco e i suoi presupposti storico-dottrinali*. Roma, LAS, 1976, p. 10. O projeto missionário de Dom Bosco provocou um notório aumento vocacional; ele mesmo o reconheceu: "O multiplicar-se dos pedidos para entrar na Congregação [...] era justamente um dos efeitos produzidos pela expedição dos missionários" (MB XI, p. 408).

[35] Cf. PIETRO STELLA, *Don Bosco nella storia della religiosità cattolica.* Vol I. Vita e opere. 2ª ed. Roma, LAS, 1979, p. 171.

indígenas".[36] Dom Bosco aceitou que os seus se valessem no ministério sacerdotal e na educação dos jovens, primeiramente das famílias operárias italianas, apostolado não muito diferente do que os Salesianos conduziam em todos os lugares; ele acreditava, entre outras coisas, que os seus missionários poderiam, dessa forma, preparar-se melhor para a missão entre os "selvagens", como ele os chamava,[37] em obediência à ordem do Senhor.[38] Em sua mais profunda intenção, de fato, o primado cabia às "missões" na Patagônia.[39]

Entretanto, quer no apostolado entre os imigrantes italianos quer nas presenças missionárias entre os aborígenes, Dom Bosco privilegiava os jovens mais carentes e cuidava da oferta educativa: "Nós, e eu mesmo o vi no sonho – é Dom Bosco quem fala –, sabemos que o missionário que vive rodeado de uma bela coroa de jovens vai adiante e pode fazer grande bem".[40] E, ao falar com o Papa sobre a evangelização da Patagônia, diz que pensava "tentar fazer um cordão de colégios que a rodeassem, como que a separá-la do restante da América".[41] "Justamente aqui, comenta padre Barberis, ele fundamentava as suas róseas esperanças de *um futuro feliz das próprias missões, no apegar-se dos nossos à juventude pobre:* quem se põe neste caminho, afirmou o Beato, não volta mais atrás."[42]

---

[36] DON CAGLIERO, *Lettera a Don Bosco* (4/3/1876), ASC A1380802.

[37] "*Selvagens*, nos escritos de Dom Bosco, é um termo genérico, que indica todos os habitantes do território patagônico, e não os índios em estado selvagem; isso explica que se pudesse esperar encontrar filhos de índios suscetíveis de serem encaminhados ao sacerdócio" (EUGENIO CERIA, Comentário à carta 1493, *A don Giovanni Cagliero,* 12/9/1876: *Epistolario* III Ceria, 95). Cf. FRANCIS DESRAMAUT, *Don Bosco en son temps (1815-1888).* Turim, SEI, 1996, p. 957-958.

[38] Veja-se o discurso de despedida de Dom Bosco no rito do adeus de 11/11/1875. In: GIULIO BARBERIS, *Cronichetta,* caderno 3 bis, 3-9; *Documenti* XV, p. 311-319. A ideia da *missio ad gentes* reaparecerá na despedida de Dom Bosco aos missionários que partiam nos anos sucessivos.

[39] Cf. PIETRO BRAIDO, Dalla pedagogia dell'Oratorio alla pastorale missionaria. In: PIETRO BRAIDO (ed.), Don Bosco educatore: scritti e testimonianze. 3ª ed. Roma, LAS, 1997, p. 200.

[40] MB XII, p. 280.

[41] MB XII, p. 223.

[42] MB XII, p. 280 (*o cursivo é meu*)

A opção de "unir-se à massa do povo com a educação da juventude pobre"[43] não foi apenas um previsto, porque eficaz, método de evangelização,[44] mas foi a opção estratégica que define a dimensão missionária do carisma salesiano:[45] "Efetivamente, sem educação não há evangelização duradoura e profunda, não há crescimento nem amadurecimento, não acontece uma mudança de mentalidade e de cultura".[46]

Até 1966, as missões apareciam nas Constituições como uma das obras apostólicas "em prol da juventude, especialmente pobre e abandonada" (art. 7) e nas atuais Constituições diz-se que o trabalho missionário, reconhecido como "um traço essencial da nossa Congregação", "mobiliza todos os compromissos educativos e pastorais próprios do nosso carisma" (Const. 30).

À morte de Dom Bosco, a presença salesiana na América estendia-se à Argentina, Uruguai, Brasil, Chile e Equador. Nações diversas, distintas as necessidades e respostas, mas a estratégia missionária de Dom Bosco continuou invariável. Ele tinha tal confiança na sua intuição que não duvidou ao predizer (1876) um futuro promissor para a sua estratégia missionária: "Com o tempo, será adotada também em todas as outras missões. Como fazer diversamente para a África e o para o Oriente?".[47]

---

[43] A expressão parece de Dom Bosco, tomada de uma longa conversa com padre Barberis acontecida em 12/8/1876. Cf. GIULIO BARBERIS, *Cronichetta,* Caderno 8, p. 75: ASC A0000108.

[44] "Pois, atraídos os jovens, poder-se-á, com a educação dos filhos, difundir a religião cristã também entre os pais" (GIULIO BARBERIS, "La Repubblica Argentina e la Patagonia". *Letture Cattoliche* 291-292 [1877] 94).

[45] "Uma missão 'salesiana', no seu esforço de formar o núcleo primeiro do povo de Deus, deixará na Igreja nascente a marca da sensibilidade do carisma de Dom Bosco, sobretudo pela educação das novas gerações e pelo interesse pelos problemas juvenis", AA. VV., *Il Progetto di Vita dei Salesiani di Don Bosco: guida alla lettura delle Costituzioni salesiane*. Roma, Editrice SDB, 1986, p. 279-280.

[46] Carta de Sua Santidade BENTO XVI ao P. Pascual Chávez, Reitor-Mor SDB, por ocasião do Capítulo Geral XXVI, in "*Da mihi animas, cetera tolle"*. Documentos Capitulares. CG26, São Paulo, Salesiana, 2008, p. 111.

[47] GIULIO BARBERIS, *Cronichetta,* Caderno 8, p. 84: ASC A0000108. Cf. JESÚS BORREGO, "Originalità delle Missione Patagoniche di Don Bosco". In: MARIO MIDALI (ed.), *Don Bosco nella Storia.* Atos do 1º Congresso Internacional de Estudos sobre Dom Bosco. Roma, LAS, 1990, p. 468.

Empenhados como estamos em levar Deus aos jovens, caros irmãos, acolhamos o desafio da inculturação do carisma salesiano como parte fundamental da nossa missão, "como apelo a uma fecunda cooperação com a graça na aproximação às diversas culturas"[48] dos jovens com os quais e pelos quais trabalhamos. Contemplamos, então, Dom Bosco, porque podemos, ou melhor, devemos aprender dele e da sua perspicaz sabedoria apostólica, que se tornou evidente no transplante da vida e missão salesiana à América, "o maior empreendimento da nossa Congregação".[49]

Por isso, quero apresentar-lhes ***alguns elementos que considero irrenunciáveis para implantar e desenvolver nosso carisma*** onde quer que, como Salesianos, levemos adiante a missão da Igreja. Vivendo e trabalhando em todos os pensáveis contextos políticos, sociais, culturais e religiosos, precisamos ser sempre identificados com Dom Bosco, com as suas inegociáveis opções pastorais e com a sua bem-afortunada metodologia pedagógica.

Um gesto muito acertado

"Quando o Venerável Dom Bosco enviou seus primeiros filhos à América", escrevia padre Rua em 1º de dezembro de 1909, "quis que uma fotografia o representasse entre eles no ato de entregar ao padre João Cagliero, chefe da expedição, o livro das nossas Constituições. Quantas coisas dizia Dom Bosco com aquela atitude! Era como se dissesse: Atravessareis os mares, ireis a países desconhecidos, devereis tratar com gente de línguas e costumes diversos, sereis, talvez, expostos a graves provações. Gostaria de, pessoalmente, acompanhar-vos, confortar-vos, consolar-vos, proteger-vos. Mas o que não posso fazer

---

[48] VC 79.

[49] DOM BOSCO, *Lettera a don Giuseppe Fagnano* (31/1/1881): *Epistolario* IV Ceria, p. 14. Nos inícios da missão escrevera ao Papa que a Patagônia era "objeto principal da missão salesiana", cf. *Lettera a Pio IX* (9/4/1876): *Epistolario* III Ceria, p. 34.

pessoalmente, este livrinho o fará".[50]

Padre Rua referia-se à histórica fotografia que hoje – feliz opção! – faz parte das nossas Constituições, introduzindo o texto.[51] Nela, e com uma disposição escolhida expressamente por ele, Dom Bosco imortalizava a entrega pessoal das Constituições ao P. Cagliero; por meio delas, entregava-se a si mesmo. Que Dom Bosco esteja presente nas Constituições não é uma criação engenhosa de seus sucessores;[52] a identificação provém do próprio Dom Bosco; ele, de fato, queria que seus filhos considerassem as Constituições como a sua cara lembrança, o seu testamento vivo:[53] "Se me amastes no passado, continuai a amar-me no futuro, mediante a exata observância das nossas Constituições", escreveu em seu Testamento espiritual.[54] Com razão, desde o Padre Rua, a tradição salesiana viu nas Constituições "sempre presente Dom Bosco, o seu espírito, a sua santidade".[55]

A inculturação do carisma salesiano tem, pois, qual requisito prévio e inevitável a prática das Constituições, uma prática alegre e fiel, *sine glossa,* mas adequada aos tempos e lugares da missão,

---

[50] DON MICHELE RUA, *Lettere circolari ai salesiani.* Turim, Direzione Generale Opere Don Bosco, 1965, p. 498.

[51] Foi a primeira fotografia expressamente desejada por Dom Bosco, que se serviu do conhecido, e dispendioso, estúdio turinês de Michele Schembocche. Dom Bosco quis imortalizar o evento e torná-lo público; o Sr. João Batista Gazzolo, cônsul da Argentina, convidado a vir de Savona, está em uniforme de gala; os missionários vestem à moda espanhola, com o característico manto, sobressaindo o crucifixo; Dom Bosco veste a batina das grandes ocasiões. "Podemos ter, portanto, esta imagem como emblemática d'Ele, a sua 'fotografia oficial'" (GIUSEPPE SOLDÀ, *Don Bosco nella fotografia dell'800 (1861-1888.* Turim, SEI, 1987, p. 124).

[52] "Podemos dizer que, nas Constituições, temos Dom Bosco por inteiro; nelas o seu único ideal de salvação das almas; nelas a sua perfeição com os santos votos; nelas o seu espírito de suavidade, amabilidade, tolerância, piedade, caridade e sacrifício", DON FILIPPO RINALDI, "Il Giubileo d'oro delle nostre Costituzioni", ACS 23 [1924], p. 177.

[53] "Fazei com que cada ponto da Santa Regra seja uma recordação minha", MB X, p. 647. Cf. MB XVII, p. 296.

[54] DON BOSCO, *Memorie dal 1841 al 1884-5-6 pelo sac. Gio. Bosco a' suoi figliuoli salesiani* [Testamento espiritual]. Edição crítica preparada por Francesco Motto. Cf. PIETRO BRAIDO (ed.), *Don Bosco educatore: scritti e testimonianze.* 3ª ed. Roma, LAS, 1997, p. 410.

[55] AA. VV., "O Projeto de Vida dos Salesianos de Dom Bosco: guia à leitura das Constituições salesianas". *Cadernos Salesianos*, n. 39. São Paulo, Salesiana, 1988.

aberta à cultura do ambiente e dos jovens, uma prática que, além de nos garantir a obediência às suas palavras e a assimilação das suas opções, seja a expressão crível do "ficar com ele" e o empenho filial de "fazer como ele" pela salvação dos jovens. Dom Bosco poderá nos acompanhar aonde formos enviados, haverá de nos confortar e consolar, de nos proteger e guiar, se nós nos identificarmos *com ele,* vivendo *como ele.* Viver as Constituições é encarnar Dom Bosco: o Salesiano que pratica as Constituições representa Dom Bosco e o faz retornar aos jovens. Para eles, não há nada de mais urgente: eles precisam dele, e têm direito a ele.

"Algumas lembranças especiais"

No discurso que fez na solene e emocionante celebração de despedida dos primeiros Salesianos missionários[56] em 11 de novembro de 1875, Dom Bosco prometeu deixar-lhes "algumas lembranças especiais, qual paterno testamento a filhos que, talvez, jamais reveria. Escrevera-o a lápis em sua caderneta durante uma recente viagem de trem, e tendo mandado fazer cópias, entregou-as pessoalmente a cada um enquanto se afastavam do altar de Maria Auxiliadora".[57]

Autógrafo e quase sem correções, o breve texto pareceria mais uma coleção de conselhos variados de natureza sobretudo ascética; contudo, eles são, na verdade, "temas para um verdadeiro tratado de pastoral missionária prática",[58] "uma breve síntese de pastoral e de espiritualidade missionária",[59] centrada em quatro ideias-forças: zelo pela salvação das almas; caridade

---

[56] Pode-se encontrar uma emotiva, e contemporânea, crônica do evento em CESARE CHIALA, "Da Torino alla Repubblica Argentina: lettere dei missionari salesiani". *Letture Cattoliche* 286-287 (1876), p. 41-60; "Partenza dei missionari salesiani per la Repubblica Argentina". *L'Unità Cattolica* 266 (1875), p. 1062: MB XI, p. 590-591.

[57] MB XI, p. 389.

[58] ANGEL MARTÍN, Orígen de las Misiones Salesianas: la evangelización de las gentes según el pensamiento de San Juan Bosco. Guatemala, Instituto Teológico Salesiano, 1978, p. 172.

[59] PIETRO BRAIDO, *Dom Bosco padre dos jovens no século da liberdade,* Vol. II, São Paulo, Salesiana, 2008. p. 145.

fraterna, apostólica e educativa; profunda vida religiosa e elementos de estratégia missionária.

Quando Dom Bosco redigiu as "Lembranças" entre setembro e outubro de 1875, sua experiência missionária era escassa, e inexistente a dos seus filhos. Escreve pouco antes de enviar a primeira expedição, forçado pelas circunstâncias e tomado por ternura paterna pelos seus jovens missionários; com elas "procurava agradá-los, comunicando-lhes os tesouros da sua experiência",[60] uma experiência adquirida no contato pessoal ou epistolar com grandes missionários durante e após o Concílio Vaticano I, e que ele mesmo irá amadurecendo nos anos seguintes, enquanto realizará seu projeto missionário na América.[61]

Não obstante, Dom Bosco insistiu repetidamente que as "Lembranças" não fossem esquecidas. Os primeiros missionários ainda estavam em alto-mar a caminho da Argentina e Dom Bosco já pedia ao padre Cagliero para lerem "juntos as lembranças que vos dei antes de vossa partida"[62] e será um pedido que repetirá com frequência.[63] De fato, durante a década 1875-1885, a sua correspondência não será outra coisa senão "uma calorosa recomendação, explícita ou implícita, das 'Lembranças'".[64]

Por que Dom Bosco dava tanto valor a esses conselhos, mesmo não sendo um especialista em missões e não tendo competência específica sobre o tema? Sem dúvida, porque lhe interessava que os seus jovens missionários se preocupassem com a vida

---

[60] MB XI, 391. Cf. CESARE CHIALA, "Da Torino alla Repubblica Argentina: lettere dei missionari salesiani". *Letture Cattoliche* 286-287 (1876), p. 57-58.

[61] AGOSTINO FAVALE, *Il progetto missionario di Don Bosco e i suoi presupposti storico-dottrinali*. Roma, LAS, 1976, p. 76; FRANCIS DESRAMAUT, "Il pensiero missionario di Don Bosco: dagli scritti e discorsi del 1870-1885". In: *Missioni Salesiane 1875-1975.* Roma, LAS, 1976, p. 49-50.

[62] Lettera a Don Cagliero (4/12/1875): Epistolario II Ceria, p. 531.

[63] Cf. Lettera a Don Cagliero (14/11/1876): Epistolario III Ceria, p. 113; Lettera a Don Valentino Cassinis (7/3/1876): Epistolario III Ceria, p. 27.

[64] JESÚS BORREGO, "Recuerdos de San Juan Bosco a los primeros misioneros. Edición crítica – Posibles fuentes – Breve comentario en la correspondencia de Don Bosco". RSS 4 (1988), p. 181. São citadas várias cartas de Dom Bosco aos missionários na Argentina.

religiosa, pessoal e comunitária, mantendo-se fiéis às opções típicamente salesianas; para ele, isso era ainda mais importante do que ser e apresentar-se como apóstolos hábeis e missionários competentes. Tudo nascia da consciência de que a missão na Argentina era a primeira *missio ad gentes* que iniciava, que os seus jovens missionários haveriam de dar vida a novas formas de apostolado, quer entre os imigrantes quer com os indígenas, que haveriam de transplantar um carisma ainda não bem definido e, mais ainda, muito distantes dele e do ambiente religioso e cultural em que tinham crescido.

Em meu modo de ver, pode-se colher nas "Lembranças aos missionários" a preocupação do Fundador, quase a apreensão do Pai[65] pelo destino da missão; e isso desde o alvorecer daquele estupendo empreendimento salesiano que foi a presença na Argentina. Devem-se também identificar nelas algumas diretrizes para impulsionar as atividades e presenças missionárias; e, ainda mais decisivos, ***alguns caminhos seguros para enfrentar com tranquilidade o atual desafio da inculturação do carisma salesiano.*** O que acenarei aqui não é, certamente, tudo o que se deve fazer, mas – estou convencido disso –, é o essencial; poderá haver outras coisas, mas estas não poderão faltar. *É o mesmo Dom Bosco que nos fala:*

«Nós queremos almas, e não outra coisa»

O objetivo absoluto, razão fundamental, da aventura missionária, *ponto de partida e critério de revisão* para qualquer esforço de inculturação salesiana, não é diferente – nem poderia sê-lo – daquele da Congregação, isto é, a salvação das almas; nada

---

[65] No discurso de despedida, Dom Bosco dizia aos missionários: "Eu só vos digo que se, neste momento, o meu espírito comove-se com a vossa partida, o meu coração goza de grande consolação ao ver a nossa Congregação consolidada". "Não vos esqueçais de que aqui, na Itália, tendes um pai que vos ama no Senhor, uma Congregação que em qualquer circunstância pensa em vós, a vós provê e sempre vos acolherá como irmãos" (MB XI, p. 386.387).

mais. Dom Bosco volta a propô-lo aos missionários, desde o primeiro instante, nas palavras de despedida: "Deus [...] vos envia para o bem das suas almas"[66] e, na primeira das lembrança que entregou: "Procurai almas e não dinheiro honras, dignidades".[67] E haverá de repeti-lo constantemente nas cartas aos missionários – e, fato significativo – aos missionários mais jovens.[68] Dez anos depois, escreverá ao padre Lasagna: "Nós queremos almas e não outra coisa. Faz ressoá-lo aos ouvidos dos nossos irmãos". E, no leito de morte, num momento de "grande dificuldade", disse a dom Cagliero "apenas estas palavras: Salvai muitas almas nas missões".[69]

«Lembra-te de que Deus quer os nossos esforços pelas crianças pobres e abandonadas»

Entre os traços característicos da estratégia missionária de Dom Bosco, o mais original e significativo foi a sua *"opção por uma classe",* "opção constante e indeclinável, que se move nas duas linhas paralelas dos pobres e dos jovens... Nos lugares de missão, isso é de uma evidência esplendorosa".[70] Dom Bosco quis que a opção fundamental, pessoal e da jovem Congregação, fosse transplantada na América pelos seus primeiros missionários: ele o manifesta no quinto conselho ("Cuidai de modo especial dos doentes, meninos, velhos e pobres"),[71] que repetirá quase com as mesmas palavras dez anos depois: "tende um cuidado especial dos meninos, dos doentes, dos velhos".[72]

---

[66] MB XI, p. 385.

[67] MB XI, p. 389.

[68] Cf. *Lettera* al chierico A. Paseri (31/1/1881): *Epistolario* IV Ceria, p. 10; *Lettera* al chierico A. Peretto (31/1/1881): *Epistolario* IV Ceria, p. 11; *Lettera* al chierico L. Calcagno (31/1/1881): *Epistolario* IV Ceria, p. 13; *Lettera* al chierico J. Rodríguez (31/1/1881): *Epistolario* IV Ceria, p. 17.

[69] MB XVIII, p. 530.

[70] SEBASTIANO CARD. BAGGIO, "La formula missionaria salesiana". In: *Centenario delle Missioni Salesiane 1875-1975.* Discorsi commemorativi. Roma, LAS, 1980, p. 43.

[71] MB XI, p. 389.

[72] *Lettera* a don Pietro Allavena (24/9/1885): *Epistolario* IV Ceria, p. 339.

Não se passara um ano desde a primeira expedição e já pensava em enviar outros "vinte heróis para o outro mundo", quando escreve ao padre Cagliero: "Faze o que puderes para recolher jovenzinhos pobres, mas prefere aqueles, se for possível tê-los, que provenham dos selvagens";[73] e, quinze dias depois, insistia: "Recorda-te sempre de que Deus quer os nossos esforços pelos pampas e os patagônios, e pelos meninos pobres e abandonados".[74] Que esta predileção não fosse simples tática oportunista está claro em seu "Testamento" quando, depois de desejar "um futuro feliz" à Congregação, "preparado pela Divina Providência", acrescenta: "o mundo nos acolherá sempre com prazer enquanto nossas solicitudes se dirigirem aos indígenas, aos meninos mais pobres, mais periclitantes da sociedade".[75] Servir e evangelizar os jovens, e entre eles os mais carentes, é a nossa razão de ser na Igreja (Const. 6), um traço "muito específico do carisma de Dom Bosco".[76] Para onde formos enviados, deveríamos escolher os jovens, e entre eles os mais transviados ou abandonados, se quisermos ser verdadeiros Salesianos. Cabe a nós, presentes no mundo todo e próximos de tantos jovens, encarnar Deus e inculturar a missão salesiana.

«Iniciada uma missão, o esforço seja sempre para criar e estabelecer escolas»

Os missionários enviados por Dom Bosco à Argentina não "deveriam" abrir escolas para assistir os imigrantes italianos nem para evangelizar os indígenas. Se ousaram fazê-lo foi por

---

[73] *Lettera* a don Giovanni Cagliero (13/7/1876): *Epistolario* III Ceria, p. 72.

[74] *Lettera* a don Giovanni Cagliero (1º/8/1876): *Epistolario* III Ceria, p. 81. Padre Cagliero logo estará certo disso.

[75] MB XVII, p. 272. DON BOSCO, *Memorie dal 1841 al 1884-5-6 pel sac. Gio. Bosco a' suoi figliuoli salesiani* [Testamento espiritual]. Edição crítica preparada por Francesco Motto. Cf. PIETRO BRAIDO (ed.), *Don Bosco educatore: scritti e testimonianze.* 3ª ed. Roma, LAS, 1997, p. 437.

[76] PASCUAL CHÁVEZ, Discurso de encerramento do CG26, in "*Da mihi animas, cetera tolle"*. Documentos Capitulares. CG26. São Paulo, Salesiana, 2008, p. 158.

orientações precisas de Dom Bosco. "Iniciada uma missão no exterior... – anotou no "Testamento espiritual" – o esforço seja sempre para criar e estabelecer escolas".[77] Foi, realmente, a estratégia missionária atuada na Patagônia, sobre a qual o próprio Dom Bosco confessava: "Só desejo empregar os últimos dias da minha vida",[78] que se realizou mediante opções plenamente educativas: "abrir colégios nas cidades confinantes com as terras dos índios, acolher nelas os filhos de selvagens e, por meio deles, aproximar-se dos adultos. Era uma tática análoga àquela que na longa experiência de educador e dirigente de obras educativas encontrara eficácia nos países civilizados".[79]

Missio ad gentes e educação não eram, para Dom Bosco, duas atividades apostólicas diferentes ou sucessivas; ele estava convencido (e esta é uma característica própria do seu fazer missão na Igreja),[80] de que para uma missão ser eficaz, seria preciso prodigalizar-se na educação da juventude. "O fulcro da ação e o princípio vital da missiologia salesiana é [...] a redenção dos infiéis por meio do ministério educativo entre a juventude e as crianças... Onde a missão for salesiana, ao lado e junto com a

---

[77] MB XVII, p. 273. Don Bosco, *Memorie dal 1841 al 1884-5-6 pel sac. Gio. Bosco a' suoi figliuoli salesiani* [Testamento espiritual]. Edição crítica preparada por Francesco Motto. Cf. PIETRO BRAIDO (ed.), *Don Bosco educatore: scritti e testimonianze.* 3ª ed. Roma, LAS, 1997, p. 438.

[78] Don Bosco, Lettera al card. Alessandro Franchi (10/5/1876): Epistolario III Ceria, p. 60.

[79] PIETRO STELLA, *Don Bosco nella Storia della Religiosità cattolica.* Vol. I. Vita e Opere. 2ª ed. Roma, LAS, 1979, p. 174. Cf. JESÚS BORREGO,"Estrategia misionera de Don Bosco". In: PIETRO BRAIDO (ed.), *Don Bosco nella Chiesa a servizio dell'umanità: studi e testimonianze*. Roma, LAS, 1987, p. 152-164.

[80] A preferência de Dom Bosco pela educação logo despertou surpresa e algumas críticas: "Alguns observam que Dom Bosco, e as suas missões na América, não são senão um abrir colégios e criar internatos" (GIOVANNI B. FRANCESIA, *Francesco Ramello, chierico salesiano, missionario nell'America del Sud*. San Benigno Canavese, Tip. Salesiana, 1888, p. 117). E em 1887, padre Colbachini, escalabriniano, escrevia a um amigo padre: "Os Salesianos do Rio, de São Paulo, Montevidéu, Buenos Aires, e todos os Salesianos do mundo não se ocupam de missão, exceto uns poucos da Patagônia [...]. Eles vêm para serem professores e prefeitos de colégios de artes e ofícios...: é uma grande missão, mas em tudo diferente daquilo que é pensado pela maioria", M. FRANCESCONI, *Inizi della Congregazione Scalabriniana (1886-1888)*. Roma, CSE, 1969, p. 104.

função sacerdotal, é de se desejar que haja o ministério e o magistério da escola. Todas as casas salesianas [...] são uma escola..., um instrumento específico da penetração cristã".[81]

A escolha estratégica de Dom Bosco, caros irmãos, deve levar-nos a pensar; e convida-nos a repensar e, quem sabe – por que não? –, a reorganizar a nossa oferta apostólica: se os jovens são "a pátria da nossa missão" (padre Egídio Viganó), a sua educação é o nosso caminho ordinário para aproximar-nos deles e o modo estável de permanecer com eles como portadores do Evangelho. Como se poderia chamar de salesiana uma presença nossa que não seja claramente educativa, uma Inspetoria que não promova a formação, formal ou informal, dos jovens? Multiplicar e reforçar a nossa oferta educativa no mundo todo e em cada uma das nossas obras é um modo autêntico de inculturar o nosso carisma.

«Deus chamou a pobre congregação salesiana para promover as vocações eclesiásticas entre a juventude pobre»

Logo que se deu início à missão, o esforço para estabelecer escolas teve como objetivo "tirar alguma vocação para o estado eclesiástico ou alguma irmã entre as meninas".[82] Para Dom Bosco, o projeto "camuflado" que orientava as suas escolhas mais decisivas, sobretudo no campo educativo, era buscar e formar vocações.[83] Como escreveu no "Testamento espiritual", ele estava convencido de que "Deus chamou a pobre congregação sale-

---

[81] ALBERTO CAVIGLIA,"La concezione missionaria di Don Bosco e le sue attuazioni salesiane". *Omnis terra adoret Te* 24 (1932), p. 5-10.12.20.24-26.

[82] MB XVII, p. 273. Don Bosco, *Memorie dal 1841 al 1884-5-6 pel sac. Gio. Bosco a' suoi figliuoli salesiani* [Testamento espiritual]. Edição crítica preparada por Francesco Motto. Cf. PIETRO BRAIDO (ed.), *Don Bosco educatore: scritti e testimonianze.*3ª ed. Roma, LAS, 1997, p. 438.

[83] Cf. ARTHUR J. LENTI, *Don Bosco: historia y carisma.* Vol. I: Origen: De I Becchi a Valdocco. Juan J. Bartolomé, Jesús G. Graciliano (eds.). Madri, CCS, 2010, p. 495-96; ARTHUR J. LENTI, *Don Bosco: historia y carisma.* Vol. II: Expansión: De Valdocco a Roma. Juan J. Bartolomé; Jesús G. Graciliano (eds.). Madri, CCS, 2011, p. 558-559. 574.

siana para promover as vocações eclesiásticas entre a juventude pobre e de condição humilde".[84]

Tinham-se passado apenas seis meses desde a primeira expedição quando, em julho de 1876, Dom Bosco pediu e recebeu a faculdade de abrir um noviciado na América; os Salesianos – apenas dez, e muito jovens[85] – tinham encontrado, ele conta a Pio IX, "vários jovens que manifestavam a vontade de abraçar o estado eclesiástico, e sete deles depois do seu pedido foram aceitos na Congregação Salesiana. O desejo deles é serem missionários e, dizem eles, irem pregar entre os selvagens".[86]

Além de indicar o entusiasmo vocacional provocado pela presença dos jovens missionários, essa anotação revela também a intencionalidade profunda de Dom Bosco: fazer com que "os patagônios evangelizem os patagônios". Ter vocações indígenas era para ele "o instrumento mais adequado para atrair os adultos à fé, para dar à Patagônia a sua fisionomia cristã e civil".[87] As vocações nativas eram, então, o meio a privilegiar para levar adiante e garantir a educação e a evangelização nas missões. "Já começaram a se manifestar [vocações] entre os indígenas, e espero que de aqui a alguns anos já não serão mais necessárias senão raras expedições [de novos missionários]".

"Aonde quer que vás – escreve ao padre Fagnano, logo que este fora nomeado Prefeito Apostólico da Patagônia meridional – procura fundar escolas, fundar também pequenos seminários com a finalidade de cultivar ou ao menos buscar alguma vocação

---

[84] MB XVII, p. 261. Don Bosco, *Memorie dal 1841 al 1884-5-6 pel sac. Gio. Bosco a' suoi figliuoli salesiani* [Testamento espiritual]. Edição crítica preparada por Francesco Motto. Cf. PIETRO BRAIDO (ed.), *Don Bosco educatore: scritti e testimonianze.* 3ª ed. Roma, LAS, 1997, p. 415.

[85] Todos entre os 37 anos do P. Cagliero e os 20 do clérigo João Batista Allavena.

[86] MB XII, p. 659. *Lettera* a Pio IX (7/1876): *Epistolario* III Ceria, p. 70.

[87] PIETRO SCOPPOLA, *Commemorazione civile di Don Giovanni Bosco nel centenario della sua morte*. Roma, Tipografia Don Bosco, 1988, p. 22.

para as Irmãs e para os Salesianos".[88] E, no memorial apresentado a Leão XIII, ele indicará entre as finalidades das missões salesianas na América, "abrir internatos próximos aos selvagens, para que servissem como pequeno seminário e acolhida para os mais pobres e abandonados. Com este meio, abrir caminho à propagação do evangelho entre os índios".[89]

Dom Bosco estava tão convencido da urgência da promoção vocacional entre os indígenas e do imediato sucesso que haveria de ver que, antes de fazer o envio dos missionários, oferece-lhes, sempre nas "Lembranças", um "pequeno tratado" para cultivar as vocações *eclesiásticas,* centrado todo no amor, na prevenção e na frequência dos sacramentos.[90]

Que em vida, ele não tenha visto a realização do seu sonho,[91] não tira, antes reforça a força da sua convicção. Como ele, nós Salesianos "estamos convencidos de que muitos jovens são ricos de recursos espirituais e apresentam germes de vocação apostólica" (Const. 28). A falta de vocações, vivida em algumas Inspetorias, e a fragilidade vocacional que nos atinge um pouco em todos os lugares nos desafiam ainda mais do que nos dias de Dom Bosco a "criar uma cultura vocacional em todos os ambientes, de modo que os jovens descubram a vida como vocação".[92]

---

[88] *Lettera* a don Fagnano (10/8/1885): *Epistolario* IV Ceria, p. 334."Se nas missões e em *qualquer outro lugar* chegares e perceberes *qualquer* jovenzinho que dê *alguma* esperança para o sacerdócio, sabe que *Deus manda um tesouro* às tuas mãos", *Lettera* a don Pietro Allavena (24/9/1885): *Epistolario* IV Ceria, p. 339. O cursivo é meu.

[89] *Memoriale* sulle Missioni salesiane presentato a Leone XIII (13/4/1880): *Epistolario* III Ceria, p. 569.

[90] JESÚS BORREGO, "Recuerdos de San Juan Bosco a los primeros misioneros. Edición crítica - Posibles fuentes - Breve comentario en la correspondencia de Don Bosco". RSS 4 (1988), p. 203. O texto do conselho 18º está na p. 208. No "Testamento espiritual" ele recolherá, ampliando-os, estes pontos de pastoral vocacional.

[91] Será preciso esperar até 1900 para se ter no aspirantado de Bernal, Argentina, 2 jovens filhos de indígenas entre 12 provenientes da região de Rio Negro (LINO CARBAJAL, *Le missioni salesiane nella Patagonia e regioni magallaniche: studio storico-statistico*. San Benigno Canavese, Tip. Salesiana, 1900, p. 104).

[92] CG26, 53.

Uma pastoral, embora bem projetada e eficaz nos resultados, mas que não promova a cultura vocacional em nossas presenças não seria salesiana. Norma, critério e itinerário da inculturação do carisma salesiano foram, e devem continuar a ser, a promoção das vocações na Igreja. O despertar das vocações não é só comprovação da eficácia do nosso trabalho apostólico; mas é, mais ainda, realização do nosso carisma específico.

«Todos, todos vós, podeis ser verdadeiros operários evangélicos»

Ao transplantar a vida e a missão salesiana na América, Dom Bosco sempre confiou em todas as forças vivas que pudesse encontrar, tanto no interior da família religiosa, quanto na Igreja e na sociedade. Primeiros entre todos, os Salesianos coadjutores, que não faltarão em nenhuma expedição, desde a primeira; de fato, entre os oito pioneiros da missão na Patagônia, em janeiro de 1880, haverá também um coadjutor, como Dom Bosco prometera ao arcebispo de Buenos Aires, além de para o trabalho catequético,[93] também para ensinar "a agricultura com as artes e ofícios mais comuns".[94]

Mais característica do pensamento de Dom Bosco foi a presença tempestiva e numerosa das Filhas de Maria Auxiliadora. As primeiras Salesianas – três das quais eram menores de idade, enquanto a Superiora, irmã Ângela Vallese, tinha apenas 24 anos – uniram-se ao projeto missionário de Dom Bosco na terceira expedição em fins de 1877.[95] A presença delas era bastante inusitada: "é a primeira vez que se verão Irmãs [...] naquelas remotas regiões"; mas logo foi julgada providencial, e a

---

[93] "Dom Bosco deu-lhes o título oficial de catequistas" (CESARE CHIALA, "Da Torino alla Republica Argentina: lettere dei missionari salesiani". In: *Letture Cattoliche* 286-287 (1876), p. 36.

[94] *Lettera* a mons. Aneiros (13/9/1879): RAÚL A. ENTRAIGAS, *Los Salesianos en la Argentina*. Vol. III. Buenos Aires, Plus Ultra, 1969, p. 85.

[95] MB XIII, p. 314.322-324.

sua proverbial caridade contribuiu "sem dúvida muitíssimo para a conversão dos índios"[96] e a educação das meninas pobres e abandonadas. Em 1884, tinham educado cerca de uma centena de meninas e levado outras a uma vida edificante. Em 1900, já havia as primeiras professas indígenas.[97] Irmanados na missão prática, Salesianos e Salesianas, transplantaram juntos a vida e o carisma salesiano na América.

Os Cooperadores foram "coapóstolos da Patagônia", "instrumentos de salvação de milhares de jovenzinhos",[98] presentes e atuantes no antigo e no novo continente, vistos por Dom Bosco como linha de frente externa, apoio moral, espiritual e material às suas iniciativas apostólicas. Quando "convidado formalmente a cuidar dos patagônios", diz ter chegado "o tempo de misericórdia para aqueles selvagens", e escreve aos Cooperadores testemunhando que só "aceitei a árdua empresa cheio de confiança em Deus e na vossa caridade".[99] Fé em Deus e confiança na caridade dos bons foram os recursos que embasavam os seus sonhos apostólicos. Justamente por isso, via a presença dos Cooperadores "como uma necessidade para cada casa salesiana, para que tenha vida e faça progressos".[100]

Sempre impelido pela necessidade de satisfazer as necessidades dos missionários "de pessoal e de dinheiro", Dom Bosco quis alargar o grupo dos Cooperadores: jovens e adultos, sacer-

---

[96] "Los verdaderos héroes del desierto". *La América del Sur* 4 (1880), p. 1152.

[97] Ver LINO CARBAJAL, *Le missione salesiane nella Patagonia e regione magallaniche: studio storico-statistico*. San Benigno Canavese, Tip. Salesiana, 1900, p. 63-64.104-105.

[98] "Tre pensieri di Don Bosco ai Cooperatori e alle Cooperatrici" (28/1/1886). *Bollettino Salesiano 3* (1886), p. 32.

[99] Cf. "Don Bosco ai benemeriti Cooperatori e Cooperatrici". *Bollettino Salesiano* 1 (1886), p. 3. Ao preparar a expedição de 1886, apela novamente à sua caridade: "ouvi também vós, como eu, a voz dos caros missionários e o grito que nos mandam tantos pobres abandonados daquelas distantes regiões" (*Circolare* ai Cooperatori [15/10/1886]: *Epistolario* IV Ceria, p. 362).

[100] "Monsignor Cagliero nel Chili". *Bolletino Salesiano* 9 (1887), p. 110.

dotes e leigos, bispos, e até o Papa,[101] eram convidados a assumir seu projeto apostólico: "padres, estudantes e aprendizes, e coadjutores, todos, todos vós, podeis ser verdadeiros operários evangélicos".[102]

Não restam dúvidas: reconhecendo que seu projeto missionário era ilimitado e, consciente da insuficiência sua e das suas instituições, Dom Bosco buscou colaborações sempre maiores, dando origem de fato, e não inconscientemente, a um movimento tanto eclesial quanto civil, "um vasto movimento de pessoas que, de várias maneiras, trabalham para a salvação da juventude [e] vivendo no mesmo espírito e em comunhão recíproca, continuam a missão por ele iniciada" (Const. 5). Fazer da Família Salesiana "um verdadeiro movimento apostólico em favor dos jovens"[103] é, para nós, além de um processo a ativar para converter corações, mentalidades e estruturas, um verdadeiro caminho de inculturação do carisma. É um exercício de fidelidade a Dom Bosco. Cabe a nós convalidar o quanto estava a peito em Dom Bosco e promovê-lo da mesma maneira que ele e para os mesmos fins.

«Fazei que o mundo conheça que sois pobres»

Primeira entre as "Lembranças", quase um princípio basilar da ação evangelizadora dos missionários, Dom Bosco registrou: "Procurai almas e não dinheiro". Não ignorava a situação em que vivia na Argentina a maior parte dos padres italianos que acompanharam os milhares de imigrantes. "A maioria vem, aperta-me o coração ao dizê-lo – escreveu-lhe o arcebispo de Buenos Aires – para ajuntar dinheiro e nada mais".[104]

---

[101] Cf. *Lettera* a don Giovanni Cagliero (1º/8/1876): *Epistolario* III Ceria, p. 81. MB XIII, p. 496. 606.

[102] MB XII, p. 626.

[103] CG26, 31.

[104] *Lettera* di Mons. Aneiros a Don Bosco (18/12/1875): MB XI, p. 603.

Justamente porque a escassez de recursos, de pessoal e de financiamentos era proverbial nos empreendimentos apostólicos de Dom Bosco, e uma vez que "a nossa deve ser pobreza de fato... na cela, nas roupas, na mesa, nos livros, nas viagens etc.",[105] os primeiros missionários viviam na penúria e em meio a grandes dificuldades; quando perguntaram a padre Tomatis o que comiam normalmente na comunidade, respondeu com um sorriso: "De manhã, pão e cebola; à noite, cebola e pão".[106]

Nada de estranho, pois, que Dom Bosco não insistisse em demasia nesse assunto nas cartas que enviava aos missionários; mostrava-se mais preocupado, e muito, com as dívidas contraídas ou as devoluções de empréstimos, tema presente nas comunicações regulares aos Cooperadores. A sua pobreza foi austera, industriosa, rica de iniciativas ("em nossas penúrias faremos qualquer sacrifício para vir em vossa ajuda"[107]), sustentada por uma indestrutível confiança na Providência. Contudo, justamente por isso, pois as primeiras comunidades missionárias subsistiam "com empréstimos e sem uma cooperação organizada",[108] é muito mais relevante o conselho de Dom Bosco: "Fazei que o mundo conheça que sois pobres no vestuário, no alimento, na habitação e sereis ricos diante de Deus e conquistareis o coração dos homens".

Para Dom Bosco, a pobreza na vida pessoal, e não a indigência de meios nas obras educativas, era um valor indiscutível.[109] Como recomendação fundamental dirigida a todos os Salesia-

---

[105] MB IX, p. 701.

[106] *Cronaca* di San Nicolás de los Arroyos (1875-1876) p. 10: ASC F910.

[107] *Lettera* a don Giovanni Cagliero (6/8/1885): *Epistolario* IV Ceria, p. 328. Cf. *Lettera* a Don Giacomo Costamagna (31/1/1881): *Epistolario* IV Ceria, p. 7; *Circolare ai Cooperatori Salesiani* (15/10/1886): *Epistolario* IV Ceria, p. 360-363.

[108] JUAN E. BELZA, Luis Lasagna, el obispo misionero: introducción a la historia salesiana del Uruguay, el Brasil y el Paraguay. Buenos Aires, Editorial Don Bosco, 1969, p. 169.

[109] Leia-se o fato, contado pelo padre Rinaldi, sobre o pensamento de Dom Bosco a respeito da pobreza salesiana: MB XIV, p. 549-550.

nos, deixou em seu "Testamento espiritual": "Amai a pobreza [...]. Procurai não tenha ninguém a dizer: este móvel não é sinal de pobreza; esta mesa, esta roupa, este quarto não é de um pobre. Quem der motivos razoáveis a tais conversas, causa um desastre à nossa Congregação, que deve sempre gloriar-se do voto de pobreza. Ai de nós se as pessoas da quais esperamos caridade puderem dizer que temos uma vida mais cômoda que a deles". E ligou o futuro da Congregação à pobreza de vida dos seus membros: "A nossa Congregação tem diante de si um futuro feliz preparado pela Divina Providência [...]. Quando começarem entre nós as comodidades ou fartura, nossa pia sociedade terá terminado a sua carreira".

Assim como Jesus enviou seus primeiros apóstolos pobres, ordenando-lhes que não levassem nada para a viagem, dado que tinham o Evangelho (cf. Mc 6,8), Dom Bosco também quis que seus Salesianos fossem pobres para terem o seu tesouro nos jovens pobres: "as nossas solicitudes serão dirigidas aos selvagens, aos meninos mais pobres, mais periclitantes da sociedade. Esta é, para nós, a verdadeira riqueza que ninguém invejará e ninguém quererá roubar-nos".[110]

Os nossos destinatários prioritários, os jovens mais carentes, são a razão do nosso "desposar" a pobreza apostólica, cujo testemunho "ajuda os jovens a superarem o instinto de posse egoísta e os abre ao sentido cristão da partilha" (Const. 73). Anunciar com a vida que Deus é nosso único tesouro desapega-nos de tudo que nos torna insensíveis a Deus, enquanto faz que estejamos abertos e disponíveis às exigências dos jovens. Viver realmente a pobreza evangélica aonde somos enviados, além de realizar o verdadeiro significado do *Cetera tolle,* haverá de nos ajudar a encarnar o carisma salesiano: este é realmente um crité-

---

[110] Don Bosco, *Memorie dal 1841 al 1884-5-6 pel sac. Gio. Bosco a' suoi figliuoli salesiani* [Testamento espiritual]. Edição crítica preparada por Francesco Motto. Cf. PIETRO BRAIDO (ed.), *Don Bosco educatore: scritti e testimonianze.* 3ª ed. Roma, LAS, 1997, p. 435. 437-438.

rio seguro que orienta sua implantação e confirma todas as suas realizações históricas.

«Com a doçura de São Francisco de Sales, os Salesianos atrairão a Jesus Cristo as populações da América»

Dom Bosco pensou a atividade missionária na América em continuidade com o que fizera e estava pensando fazer em Turim e nas demais presenças da Europa. "Os objetivos imaginados desta missão" – escrevia ao Papa – "eram prover os italianos e arriscar um passo nos pampas [...]. O primeiro já foi posto em ação [...]. Quanto ao segundo, de levar o evangelho aos selvagens, decidiu-se por abrir colégios, internatos, asilos próximos às tribos."[111]

A preferência salesiana pela escola e pelos jovens nas missões era, para Dom Bosco, convicção comprovada; contudo, evangelizar *educando* ou como ele se exprime "alcançar a massa do povo com a educação da juventude pobre", era, enquanto método missionário, uma novidade não compreensível a todos. E, quando utilizado, apresentava alguns insucessos porque, pensava Dom Bosco, "aqueles aos quais se confiam jovenzinhos para educar, ou não usam um método adequado ou não têm espírito ou são inábeis".[112]

Por isso, nas "Lembranças" aos missionários, ele chama a atenção para o Sistema Preventivo. Na realidade, não havia necessidade. Lançando os seus nas terras de missão, não fazia outra coisa que transplantar as grandes opções, a metodologia pedagógica e o estilo de educação que tinha utilizado em Valdocco e no qual tinham crescido e foram educados os seus próprios missionários. Apesar disso, insistirá que a caridade apostólica

---

[111] *Relazione* ufficiale a Pio IX (16/6/1876), p. 4: ASC A8290109.

[112] DON GIULIO BARBERIS, *Cronichetta,* Caderno 8, p. 75: ASC A0000108. Cf. MB XII, p. 279-280.

(*"Procurai almas…", "cuidai de modo especial dos doentes, meninos, velhos e pobres...*) seja vivida como caridade fraterna (*"Amai-vos, aconselhai-vos e corrigi-vos, mas não haja nunca entre vós inveja nem rancor; antes o bem de um seja o bem de todos...*)[113] e pedagógica (*"Caridade, paciência, doçura, jamais reprovações humilhantes, jamais castigos, fazei o bem a quem se pode, mal a ninguém. Isso valha para os Salesianos entre si, entre os alunos e outros, externos ou internos"*).[114]

Embora Dom Bosco desse como certa a prática do seu estilo educativo, a sua implantação em terras americanas não foi fácil. Nem todas as casas salesianas – escreveu padre Rua a dom Cagliero – "são dirigidas com doçura e com o Sistema Preventivo"; e Dom Bosco enviará a dom Costamagna, Inspetor desde 1880, depois da morte do padre Bodrato, uma carta que pode ser considerada um breve tratado do pensamento educativo do Fundador: "O Sistema Preventivo seja algo nosso; jamais castigos penais, jamais palavras humilhantes, jamais censuras severas na presença de outros... Faça-se uso dos castigos negativos, e de modo que os que são corrigidos se tornem nossos amigos mais do que antes, e jamais se apartem humilhados por nós... A doçura no falar, no agir, no avisar conquista tudo e todos".[115]

Hoje, como ontem, em outros continentes como o foi no passado na América, há verdadeiros desafios para colocar o Sistema Preventivo em prática, por motivos culturais ou pelas alteradas condições juvenis. No primeiro caso, constatam-se cá e lá dificuldades para entendê-lo e aplicá-lo e, com frequência, justifica-se uma atitude não salesiana perante os jovens dizendo que em tal lugar do mundo a voz e o protagonismo pertencem aos adultos e que aos jovens só cabe obedecer; em outros casos, o estilo

---

[113] MB XVII, p. 389-390. JESÚS BORREGO, "Recuerdos de San Juan Bosco a los primeros misioneros. Edición crítica –Posibles fuentes – Breve comentario en la correspondencia de Don Bosco". RSS 4 (1988), p. 207-208.

[114] MB XVII, p. 626.

[115] *Lettera* a Don Giacomo Costamagna (10/8/1885): *Epistolario* IV Ceria, p. 332-333.

educativo é marcado por uma forma de autoritarismo que não deixa espaço à razão e, menos ainda, à amabilidade. Enfim, em outras partes do mundo torna-se realmente difícil saber interpretar e encarnar o Sistema Preventivo, especialmente onde as mudanças culturais levam os jovens a um elevado nível de autonomia, de modo que eles sentem ter todos os direitos possíveis sem qualquer responsabilidade.

É absolutamente necessário conhecer bem o Sistema Preventivo para poder desenvolver suas grandes virtualidades, modernizar suas aplicações, reinterpretar suas grandes ideias fundamentais (a maior glória de Deus e a salvação das almas; fé viva, firme esperança, caridade teológico-pastoral; bom cristão e honesto cidadão; alegria, estudo e piedade; saúde, estudo e santidade; piedade, estudo e santidade; piedade, moralidade e cultura; evangelização e civilização), as grandes orientações de método (fazer-se amar antes de fazer-se temer; razão, religião, amabilidade; pai, irmão, amigo; familiaridade, sobretudo no recreio; conquistar o coração; ampla liberdade de pular, correr, gritar à vontade). Tudo isso para a formação de novos jovens, capazes de transformar o mundo.

Está-me a peito dizer que o Sistema Preventivo é um elemento essencial do nosso carisma; que ele deve ser conhecido, atualizado segundo o desenvolvimento filosófico, antropológico, teológico, científico, histórico, pedagógico; e que a sua inculturação na variedade dos contextos econômicos, sociais, políticos, culturais e religiosos onde vivem os nossos destinatários é indispensável se realmente quisermos ser fiéis a Dom Bosco e inculturar o seu carisma. Arrisco a dizer que essa é uma das tarefas mais urgentes da Congregação.

«Recomendai constantemente a devoção a Maria Auxiliadora e a Jesus Sacramentado»

Elemento essencial na missão salesiana é *a presença de Ma-*

ria, convicção tipicamente evangélica (cf. Jo 2,1.12; At 1,14) e certeza de fé vivida intensamente por Dom Bosco.[116] A presença ativa de Maria na vida da Igreja foi bem descrita pelo título de Auxiliadora. A "lembrança" de Dom Bosco aos missionários recomenda esta "devoção" que deve ser cultivada com assiduidade. "Nós aqui – disse no discurso de despedida – não deixaremos passar um dia sem recomendá-los [os primeiros missionários] a Maria Auxiliadora e parece-me que Maria, que agora abençoa a partida, não poderá deixar de abençoar o progresso da missão."[117]

Com a difusão do título de "Maria Auxiliadora", o carisma salesiano abriu-se ao horizonte missionário e a ação missionária salesiana caracterizou-se pela divulgação popular da devoção a Maria Auxiliadora, a celebração das principais festividades marianas, a publicação de livretos e imagens, a construção de Santuários marianos em todas as partes do mundo, expressão tangível de irradiação do carisma apostólico e educativo de Dom Bosco. "A santa Virgem Maria – escreveu no "Testamento espiritual" – continuará certamente a proteger nossa Congregação e as obras salesianas, se nela continuarmos a confiar e a promover-lhe o culto."[118]

A tradição ininterrupta desde 1875 de entregar, na Basílica de Maria Auxiliadora, o crucifixo aos missionários que partem,

---

[116] São constantes os augúrios de Dom Bosco aos missionários: Maria vos guie para conquistar muitas almas, ou para ir ao céu: cf. *Lettera* a Mons. Cagliero (10/2/1885): *Epistolario* IV Ceria, p. 314; *Lettera* a Don Costamagna (10/8/1885): *Epistolario* IV Ceria, p. 333; *Lettera* a Don Tomatis (14/8/1885): *Epistolario* IV Ceria, p. 337; *Lettera* a Don Lasagna (30/9/1885): *Epistolario* IV Ceria, p. 340-341.

[117] MB XI, p. 386. À vigília do embarque, Dom Bosco entregou a padre Cagliero uma lista manuscrita de conselhos e tarefas, que encerrava assim: "Fazei o que puderdes: Deus fará o que nós não pudermos fazer. Confiai todas as coisas a Jesus Cristo Sacramentado e a Maria Auxiliadora, e vereis o que são os milagres" (MB XI, p. 395).

[118] MB XVII, p. 261. DON BOSCO, *Memorie dal 1841 al 1884-5-6 pel sac. Gio. Bosco a' suoi figliuoli salesiani* [Testamento espiritual]. Edição crítica preparada por Francesco Motto. Cf. PIETRO BRAIDO (ed.), *Don Bosco educatore: scritti e testimonianze.* 3ª ed. Roma, LAS, 1997, p. 415.

exprime essa convicção e, ao mesmo tempo, torna-se condição que origina e renova o carisma salesiano no tempo: Maria, como é representada no quadro de Lorenzone, é Mãe da Igreja e Rainha dos apóstolos, que ajuda e acompanha a obra salesiana no mundo. O crucifixo que é entregue expressa a possibilidade concreta de serem chamados por Deus para horizontes ilimitados de generosidade. Para muitos filhos de Dom Bosco a coragem e a fidelidade tornaram-nos capazes de dar a vida com o martírio.

Fruto típico desse estilo pastoral e educativo, que visibiliza a presença de Maria Auxiliadora mediante a construção de santuários e a elevação de estátuas a Ela dedicadas, é a vitória sobre as lógicas de contraposição e as ações de violência para a promoção de uma cultura de paz e reconciliação entre povos, grupos e famílias, exaltando a sua presença de "Estrela da Evangelização" no surgimento e no desenvolvimento da Igreja.

A aproximação da devoção mariana à relação sacramental com o Senhor Jesus na Eucaristia é original, exprimindo que a nossa entrega a Maria encontra o seu vértice na sua acolhida como "mulher eucarística";[119] quanto mais Maria nos fizer eucarísticos, tanto mais realizará a sua missão de levar-nos a Jesus, de fazer-nos carregar Cristo em nós, de ensinar-nos a fazer da nossa vida um sacrifício agradável a Deus, em união com o sacrifício perfeito do Filho. Em ótica tipicamente salesiana, a ação educativa e a obra evangelizadora encontram na relação com o Senhor Jesus e com Maria as "colunas", o sustento e a expressão de uma fé intensa em Deus, a quem nada é impossível, e confiança em Maria em quem Deus "realizou grandes coisas" (Lc 1,49).

O que pensar, caros irmãos, de presenças salesianas, às vezes mais do que centenárias, onde não conseguimos fazer com que os nossos jovens e colaboradores sintam a presença materna de Maria ou, pior ainda, onde se deixou alastrar um progressivo afastamento

---

[119] Cf. GIOVANNI PAOLO II, *Ecclesia de Eucharistia.* Carta encíclica sobre a Eucaristia em sua relação com a Igreja (17/4/2003), p. 53-58.

de Cristo Eucaristia? Poderíamos chamá-las de "salesianas", embora continuem a educar e evangelizar? Creio sinceramente que, se quisermos ser fiéis ao projeto original do nosso Pai, Maria deve retornar como motivo e guia da nossa evangelização e a Eucaristia como o seu centro de gravidade e a sua forma missionária.

CONCLUSÃO

Caríssimos irmãos, como Congregação, nós temos uma esplêndida história de inculturação do Evangelho em terras de missão. Houve e ainda há Salesianos que se inseriram plenamente nos povos aprendendo a sua língua, reconstruindo a sua cosmovisão, recolhendo as suas tradições e costumes, elaborando gramáticas e dicionários, defendendo as suas terras e a sua organização, constituindo federações de povos indígenas. É uma história da qual não podemos deixar de nos orgulhar. A eles o nosso reconhecimento, a nossa estima e admiração, a nossa gratidão. Contudo, eu quis enfrentar nesta carta o tema da inculturação a partir da perspectiva não tanto do Evangelho, mas do carisma, indicando que o carisma deve ser inculturado em qualquer continente (Europa, América, Ásia, África, Oceania, *Digital Continent*), em qualquer contexto (social, político, cultural e religioso) e em qualquer tipo de obra (de educação formal, não formal, informal, primária, secundária, universitária, de evangelização ou missão, de promoção social). Eis o porquê do esforço de evidenciar os critérios indicados pelo próprio Dom Bosco em suas "Lembranças" aos primeiros missionários. Elas continuam a ser o nosso ponto de referência. Nem destinatários, nem missão, nem método são opcionais para nós. Eles nos foram dados como herança a assumir, conservar e desenvolver.

Agrada-me concluir com dois textos tão eloquentes quanto vinculantes da Exortação pós-sinodal *Vita Consecrata*, que justamente ao falar do enriquecimento recíproco entre inculturação

e carisma diz: "O desafio da inculturação há de ser acolhido pelas pessoas consagradas como apelo a uma fecunda cooperação com a graça na aproximação às diversas culturas. Isto supõe séria preparação pessoal, dotes maduros de discernimento, fiel adesão aos critérios indispensáveis de ortodoxia doutrinal, autenticidade e comunhão eclesial. Com o apoio do carisma dos fundadores e fundadoras, muitas pessoas consagradas souberam aproximar-se das diversas culturas, com a atitude de Jesus que "Se despojou a si mesmo tomando a condição de servo" (Fl 2,7), e, com um paciente e audaz esforço de diálogo, estabeleceram contatos proveitosos com os povos mais diversos, a todos anunciando o caminho da salvação".[120] E, no número seguinte, acrescenta: "Uma autêntica inculturação ajudará, por sua vez, as pessoas consagradas a viverem o radicalismo evangélico, segundo o carisma do próprio Instituto e a índole do povo com que entram em contato. Deste fecundo relacionamento, brotam estilos de vida e métodos pastorais que poderão revelar-se uma autêntica riqueza para o Instituto inteiro, se forem coerentes com o carisma de fundação e com a Ação unificadora do Espírito Santo".[121]

Inicio com vocês o triênio de preparação ao bicentenário do nascimento de Dom Bosco, que deverá ser para todos nós um autêntico renascimento espiritual, missionário, educativo, carismático. A Maria Auxiliadora, nossa mãe e educadora, confio todos e cada um de vocês.

P. Pascual Chávez V., SDB
Reitor-Mor

[120] VC 79.
[121] VC 80.